

Eleições nas capitais

A DIFÍCIL BATALHA DOS DEMOCRATAS PELA UNIDADE



Escabrosas conexões do caso Baumgarten

O assassinato do jornalista está ligado ao SNI e ao jogo do bicho, o Riocentro, o escândalo Capemi e Figueiredo. Pág. 4

EDITORIAL

O drama do PMDB

Na batalha das prefeituras todos estão de olho na Presidência da República. E em função disto muitos esquecem os objetivos maiores, do programa de mudanças da Nova República, para cuidar em primeiro lugar de seus interesses particulares de grupo. As convenções do PMDB revelaram, em boa parte, as tramas que se desenrolam nos bastidores para frear as forças progressistas, assim como os equívocos na condução do maior partido na coalisão que sustenta o governo federal.

Leonel Brizola, por exemplo, tem todo o interesse em aprofundar as divergências no PMDB, e em favorecer dentro das suas fileiras candidatos impopulares - como é o caso de Jorge Leite, no Rio, que foi ajudado por forças governistas do Estado, assim como Moisés Abrão, em Goiás. Estas escolhas desastrosas empurram certas forças democráticas no sentido do PDT, desmoralizam o principal apoio político do governo federal e servem, por isto mesmo, para enfraquecer a Nova República. O PT, embora com menos influência política e menores possibilidades de se aproveitar da confusão, joga no mesmo esquema dos brizolistas.

A Frente Liberal também participa ativamente na luta pelas prefeituras. Uma parte, que joga para debilitar o prestígio do presidente José Sarney, trata de aliar-se com os setores mais direitistas, para combater as forças democráticas. É o caso dos setores paulistas que procuram forçar uma coligação do PFL com o PTB em apoio a Jânio Quadros. Em Minas Gerais, por baixo do pano, contando com gente dentro do próprio PMDB, a direção do PFL trata de obter uma coligação PMDB-PFL favorecendo os conservadores, com hegemonia dos partidários de Aureliano Chaves.

O PMDB, para atuar efetivamente como sustentáculo principal da Nova República, teria que se apresentar como o baluarte das

mudanças, como defensor das conquistas democráticas e das reivindicações populares. Mas não é isto que se verifica. A direção do PMDB não tem orientações à altura do processo de transição em curso. Suas vacilações levam à que o partido, sem um norte progressista debata-se em disputas subalternas de grupos e abra espaço para os conservadores. As convenções do Rio de Janeiro, Goiás, Pernambuco, Acre e Paraíba, por exemplo, criam obstáculos entre o povo e o candidato privilegiado pelas forças vitoriosas na escolha dos diretórios e delegados.

Embora o tempo seja escasso, e as condições desvantajosas, é absolutamente indispensável que os democratas consequentes cerrem fileiras e ainda procurem entendimentos com as mais amplas correntes do PMDB, visando impedir que a imposição de nomes inviáveis leve à fragmentação do partido. A própria direção nacional do PMDB tem a obrigação de usar sua influência para procurar soluções.

As eleições para as Prefeituras, se realizadas num quadro de desentendimento tão acentuado levariam à formação de grupos rivais também na luta em torno da Constituinte, onde mais uma vez a questão da unidade será fundamental para assegurar as transformações exigidas pelo povo.

Nesta situação de dificuldades é que a Nova República enfrenta o seu primeiro teste eleitoral, e nos centros políticos de maior peso no país, que são as capitais dos Estados. O ponto nodal que explica tais obstáculos é que o movimento popular ainda não joga seu peso político nas disputas. A ampla mobilização de massas na campanha das diretas já e em torno do candidato único ainda não se expressou na batalha atual. Os canais de participação popular ainda são débeis, dando lugar para as manobras das classes dominantes e para suas vacilações.

As convenções municipais e distritais do PMDB, domingo, dia 7, deixaram mais claro como serão as eleições de novembro para as prefeituras das capitais. Mas nem sempre seus

resultados consagraram os setores e os candidatos mais cotados junto ao povo e criaram-se situações difíceis como no Rio, Recife e Goiânia. O balanço das convenções na página 3.

Cenas de terror no campo

Dois impressionantes relatos de ferocidade e morte a mando do latifúndio, em Sarampo, Bahia, e na Transamazônica, Pará. Até uma moça de 13 anos, grávida, foi assassinada. Página 10

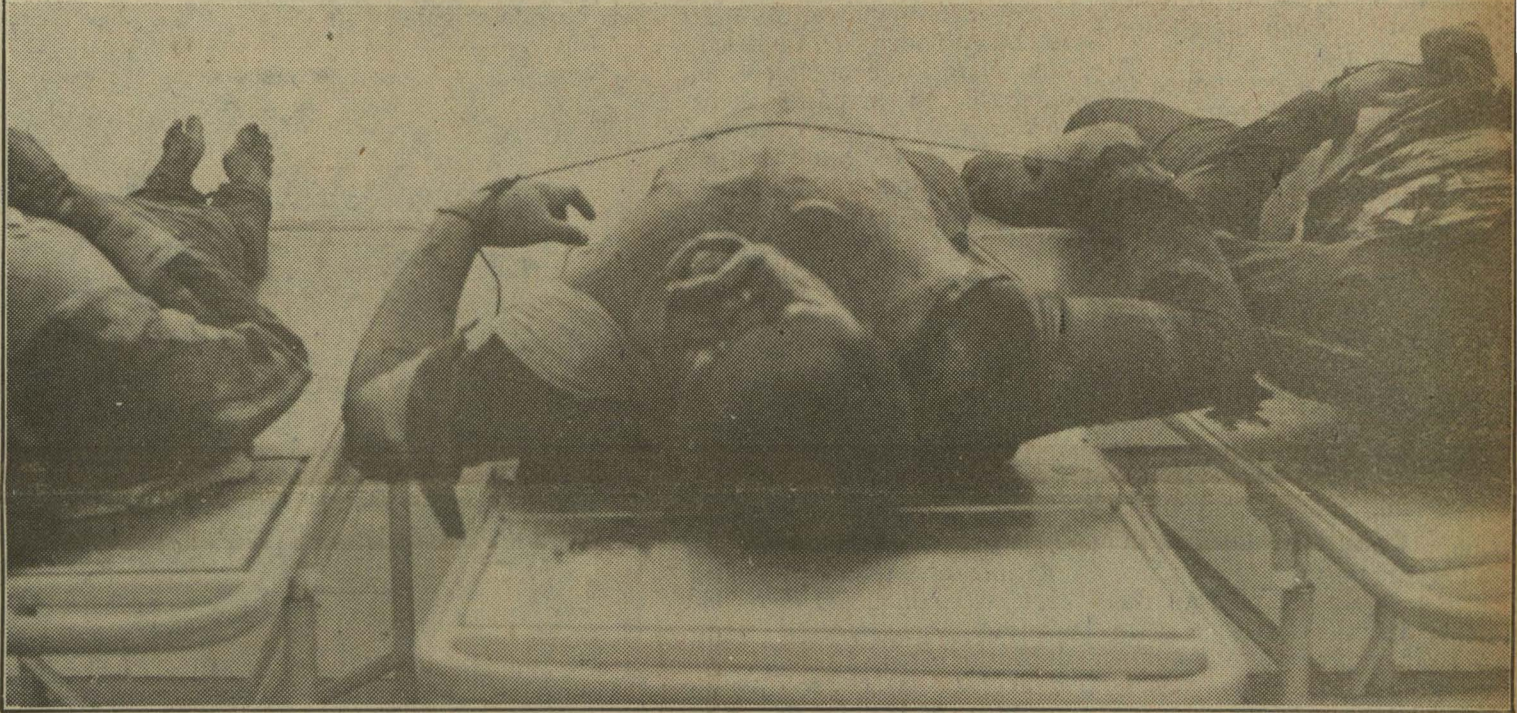


Foto Vital Bento

As dificuldades do sindicalismo rural

Apesar de viver há anos um pujante avanço, o movimento sindical dos trabalhadores agrícolas enfrenta obstáculos internos e externos para desempenhar seu papel. Pág. 5

Greve da Previdência já atinge 16 Estados

Funcionários federais querem a reposição do que a ditadura militar lhes tirou em 21 anos de arrocho salarial. Página 7

Congresso da UBES elege presidenta

O maior congresso da história da entidade escolheu Selma Oliveira, de "Viração". Página 6



Foto Ailton S. Leite

Selma, a segunda mulher a ocupar o cargo desde a fundação da UBES, fala aos 3.447 delegados no congresso de Belo Horizonte

O que mudou na URSS e Gorbachev

Novas reformas econômicas reforçadas por reformas políticas e sociais, com um troço de dirigente do PCCS, as vésperas do 20º Congresso. Pág. 2

CDM

Centro de Documentação e Memória

Fundação Maurício Grabois

Gorbachev pretende aprofundar capitalismo na União Soviética

No final de junho, dirigentes soviéticos promoveram uma série de modificações na composição da cúpula do Partido e do Estado. As vésperas do congresso do PCUS, marcado para fevereiro de 1986, e no bojo das dificuldades econômicas que assolam o socialimperialismo russo, as mudanças nas elites dominantes refletem a briga de foice pelo poder entre as diversas camarilhas revisionistas nos bastidores do Krêmlin.



Gorbachev: projeto capitalista

Com a ascensão de Mikhail Gorbachev à primeira-secretaria do PCUS, o esquema propagandístico do Krêmlin procura apresentar seu novo dirigente como homem de hábitos modernos, inovador do estilo de trabalho, político hábil e administrador competente. No fundo, todo esse alarido em torno da figura do novo dirigente e da equipe por ele formada se relaciona com a política econômica a se adotar em face dos evidentes fracassos que a economia soviética tem sofrido.

A plataforma econômica de Gorbachev consiste numa retomada, nas condições atuais, das "reformas de Kossiguin" implementadas em 1965. Um aprofundamento do caminho de retorno ao capitalismo, que vem sendo seguido desde que o bando traíçoeiro de Kruschov tomou o poder em 1956.

Diminui o ritmo da produção industrial

Gorbachev propõe um "afrouxamento dos controles centralizados". Trata-se de um embate entre uma corrente mais abertamente liberal-burguesa e outra corrente, também anti-comunista, que reza pela cartilha do centralismo burocrático. De qualquer forma, o "afrouxamento" é uma investida contra o socialismo científico. Segundo um relatório da Academia Sibiriana de Ciências, "o sistema centralizado de planificação atende apenas às exigências de uma sociedade simples e atrasada". O fato é que desde o início dos anos 60 os revisionistas soviéticos aboliram o autêntico sistema de planificação socialista centralizada. A arremetida atual contra a "centralização" é, portanto, um lance na luta de uma ala revisionista "mais moderna" contra outra petrificada e reconhecidamente incompetente.

Gorbachev coloca também na ordem do dia a intensificação da autogestão e do uso dos mecanismos de mercado. Nisso se inclui a ampliação do direito dos diretores das empresas "autogestionárias" de demitir operários, aumentando a rotatividade de mão de obra, e o uso do crédito em moldes capitalistas.

Nos pronunciamentos mais recentes do novo líder soviético e nos relatórios econômicos em circulação que preparam as discussões do próximo congresso do PCUS têm vindo à tona importantes indicadores da profundidade da crise em que está engolfada a economia soviética hoje.

Registra-se, por exemplo, uma diminuição do ritmo da produção industrial: no bimestre janeiro/fevereiro de 1985, houve um aumento de apenas 3,7% contra 5,3% em igual período do ano passado. Mais importante, porém, é acompanharmos essa tendência decrescente. No quinquênio 1976-1980, o ritmo de crescimento da produção industrial foi quase duas vezes mais baixo do que no período 1965/1970; o da produção agrícola foi de 2,6 vezes mais baixo; o de investimentos fundamentais, 2,2 vezes mais baixo; o da ocupação da força de trabalho, 1,8 vezes menor; o do consumo per capita, 3,1 vezes mais baixo.

O indicador mais claro da estagnação da economia soviética é a taxa de crescimento global da economia. Hoje, a economia soviética quando cresce, não passa de magros 2,6% ao ano. Nos anos 30 e 40, quando o socialismo florescia com a aplicação dos ensinamentos de Lênin e Stálin, o cresci-

mento econômico alcançava taxas de mais de 10%.

Além disso, registram-se quedas na produção de petróleo, de 100 milhões de toneladas no 1º bimestre do ano passado, para 96 milhões em igual período este ano. Com relação ao carvão, cujas jazidas estão se esgotando, a produção caiu de 123 milhões para 120 milhões de toneladas.

Na agricultura os problemas vão se tornando crônicos, e até se agravam. A produção de leite e derivados foi inferior à do mesmo período do ano passado, principalmente devido à escassez de forragem para alimentação das vacas.

Economia debilitada com militarização

Os relatórios econômicos apontam ainda um declínio na qualidade dos bens de consumo, além, é claro, de sua falta no mercado. Consta que no ano passado os consumidores soviéticos devolveram mais de seis milhões de pares de sapatos, devido à sua qualidade inferior e à apresentação de defeitos.

A esse quadro de crise, com todos os reflexos que tem a nível social, agrega-se o pronunciado atraso tecnológico da indústria soviética e a pressão exercida pela corrida armamentista. São

os ingredientes que engrossam o caldo das intenções "reformistas" gorbachevianas.

Não são, porém promissoras as perspectivas da economia soviética. Gorbachev vitupera os burocratas incompetentes e fala em modernização. Mas o poço em que todos eles estão metidos é mais fundo. As verdadeiras causas da profunda crise da sociedade soviética residem no seu caráter socialimperialista, responsável pela manifestação de agudo antagonismo entre a produção social e o consumo parasitário e não produtivo da nova burguesia encastelada no partido e no Estado, assim como da insaciável máquina de guerra. Reflexo dessa drenagem de recursos pela máquina de guerra podem ser encontrados na militarização da economia.

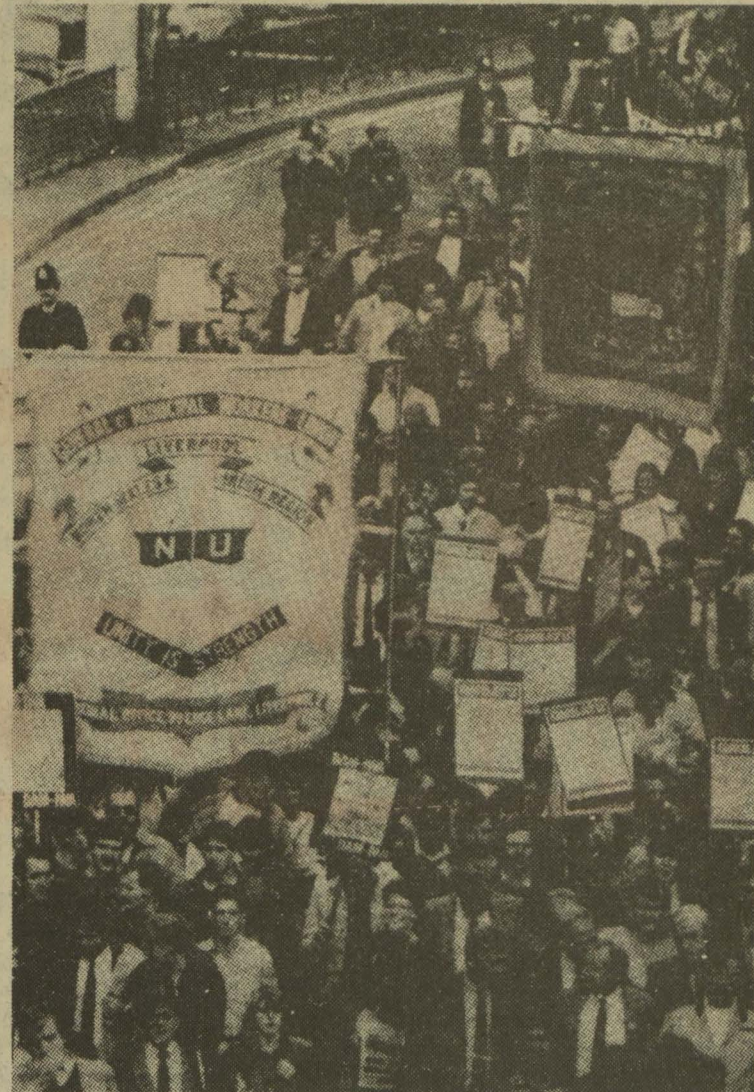
Os gastos militares absorvem mais de 1/3 da renda nacional, 1/3 da produção da indústria metalúrgica e 1/7 dos recursos energéticos do país. Calcula-se ainda que de 12% a 14% da produção nacional são carreados para alimentar o aparelho bélico. É interessante notar que enquanto a economia cresce apenas 2,6%, os gastos militares se incrementam à razão de 5% ao ano!

Por que este esforço bélico? É o que analisaremos no próximo artigo.

(José Reinaldo Carvalho)



Mercado de Moscou: problemas da agricultura vão se tornando crônicos



Manifestação de mineiros em Liverpool, em outubro passado

Thatcher quer a demissão de 50 mil mineiros

A Grã-Bretanha pretende fechar 50 minas e demitir 50 mil mineiros nos próximos quatro anos, visando alcançar um corte de 30 milhões de toneladas na sua produção anual de carvão. É o que prevê um novo plano de reestruturação da indústria carbonífera preparado pelo National Coal Board, a estatal que administra o setor.

No ano passado, um plano idêntico da National Coal Board, mas que previa o fechamento de 20 minas e a demissão de 20 mil operários, provocou uma greve dos mineiros que se prolongou por um ano. Em resposta à greve, Margaret Thatcher soltou a polícia sobre os trabalhadores. Quase dez mil

foram processados e mais de 4 mil julgados "culpados"; quatro mineiros foram mortos pela repressão, além de um policial e um motorista que levava fura-greves ao trabalho. Mesmo com essa violência governamental, a greve chegou a atingir 80% dos 186 mil mineiros britânicos, que agora são novamente ameaçados pela demissão massiva.

Tirar o ganha-pão dos trabalhadores tem sido uma das metas do governo da "dama de ferro" Thatcher. Desde que assumiu o governo, em 1979, a primeira-ministra aumentou de 2,7 milhões para 3,2 milhões o número de desempregados, o que representa 13,9% da força de trabalho da Grã-Bretanha.

EUA interferem na Bolívia

Dando mostra mais uma vez de sua arrogância imperialista, o governo norte-americano anunciou ser contrário ao adiamento das eleições na Bolívia! Numa clara ingerência em assuntos internos de outro país, o governo de Ronald Reagan anunciou que "um eventual adiamento da eleição agravará ainda mais a grave crise econômica e social do país".

Trata-se de um recado, na verdade, de que os EUA trabalharão para a desestabilização do governo de Hernán Siles Zuazo, caso as eleições

marcadas para dia 14 sejam transferidas. A extrema-direita boliviana, fazendo coro com as pressões ianques, também é contrária ao adiamento das eleições. Mas as entidades dos trabalhadores, como a COB e a Confederação Única dos Camponeses, anunciaram a realização de uma greve geral, caso o pleito seja mesmo realizado dia 14. Cerca de 60% da população rural não está em condições de votar no dia 14 e a COB denunciou que se o pleito for mantido será uma "farsa eleitoral", devido à corrupção que grassa no país.

Racistas matam

Outros seis negros foram mortos na última semana, durante batidas realizadas por policiais, com os rostos semicobertos, em bairros periféricos de Johannesburg, África do Sul, habitados exclusivamente por

negros. A repressão do governo racista sul-africano às manifestações da população negra - que reivindica igualdade de direitos políticos com os brancos - provocou no último ano cerca de 400 mortes.

Terrorismo na Argentina

Elena Alfaro, 33 anos, que esteve detida em uma prisão clandestina perto de Buenos Aires, em 1977, durante o regime militar, denunciou "as forças repressivas ilegais" na Argentina. Elena vive atualmente na França, mas retornou na semana passada à Argentina para depor no pro-

cesso contra membros das Juntas Militares. Em seu depoimento, Elena identificou como seus seqüestradores o coronel Pedro Alberto Duran Saenz, atual adido militar argentino no México, o coronel Franco Luque e aos generais Guillermo Suarez Mason e Sasiain.

Protestos contra plano econômico de Israel



Devido à superprodução, Israel destruiu 3 milhões de ovos

O plano de "economia de guerra" adotado pelo governo israelense, com insuportáveis sacrifícios para o povo, continua provocando energicos protestos dos trabalhadores. Na terça-feira passada, todos os serviços de telefone, eletricidade, rádio e televisão foram paralisados e mais de 30 mil pessoas se reuniram em uma manifestação de repúdio às medidas impostas pelo governo do primeiro ministro Shimon Peres, motivo da greve geral realizado no dia 2 (veja TO nº 224).

Os trabalhadores ameaçam parar de novo o país na próxima segunda-feira se o "plano" for mantido. Por sinal, as medidas adotadas para combater a grave crise econômica de Israel, enquadradas no receituário do FMI, não prevêm a redução dos gastos com as "forças de segurança", que fazem o jogo do imperialismo ianque na região, de permanente agressão ao povo palestino e têm considerável peso no orçamento público.

Por outro lado, enquanto o arrocho vem sendo noticiado, a imprensa também divulgou

recentemente a destruição de 3 milhões de ovos, com tratores de lagartas e escavadeiras, patrocinadas pelos avicultores. O pretexto usado é de que está havendo uma crise de superprodução no setor.

O fato - um fenômeno típico das contradições inerentes à economia capitalista - fornece uma boa ilustração do caráter reacionário e antipopular do sistema vigente em Israel. Ao mesmo tempo em que o regime aperta o cerco contra os trabalhadores, aprofundando o desemprego, a rebaixa de salários, a miséria e a fome do povo, dá vazão à extravagância do capital, com disponibilidade e excessos de determinados bens (inclusive gêneros de primeira necessidade), "queimados" a despeito da carência existente no país e em outras regiões. Através de fatos como este, salta aos olhos a decadência do sistema e a lição para os povos da urgência de lutar com firmeza pela sua completa destruição e substituição por um novo regime econômico e social realmente em harmonia com os interesses do progresso e as necessidades das grandes massas.

CDM CIA no Camboja

Desde 1982, os Estados Unidos estão sustentando economicamente grupos anticomunistas no Camboja através da CIA. A revelação

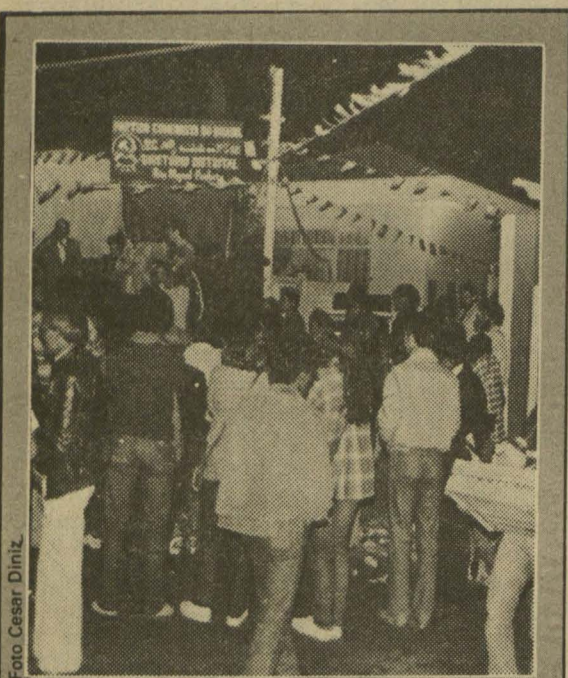
do jornal Washington Post, que informou que os dólares aos grupos cambojanos são enviados através da "lanterna da Fundação Maurício Grabois

PC do B já pode disputar as eleições

O Partido Comunista do Brasil está habilitado a disputar as próximas eleições municipais de 15 de novembro. No último dia 9, o Tribunal Superior Eleitoral, numa histórica sessão, acolheu o pedido de registro provisório do PC do B, considerando o partido apto a concorrer nas próximas eleições. O registro definitivo, no entanto, só será concedido depois da aprovação pelo Congresso Nacional da nova Lei Orgânica dos Partidos Políticos, o que deve ocorrer em agosto. Mas na prática o PC do B já é legal, na medida em que os juizes eleitorais consideraram que o partido cumpriu todos os requisitos previstos pela legislação.

Em seu parecer o ministro Washington Bolívar, relator do processo de registro do PC do B, também abordou a polêmica das siglas e da disputa com o partido revisionista - o PCB. Acatando a posição do Procurador Geral da República, José Paulo Sepúlveda Pertence, o relator reconheceu que, embora existam semelhanças semânticas e fonéticas, existem "circunstâncias históricas notórias que tornam inconfundíveis as duas agremiações". O parecer do ministro Washington Bolívar vai mais além ao admitir que o uso da contração "do" pelo PC do B "serve para identificar há décadas a agremiação perante a opinião pública".

Ao final, o relator conclui pela manutenção da sigla e da legenda do Partido do proletariado, o PC do B. (da sucursal)



A inauguração em São Miguel Paulista

Inauguradas novas sedes

Mais de mil pessoas participaram da inauguração da sede regional do Partido Comunista do Brasil na Amazônia, sábado, dia 6. O ato, realizado na rua Henrique Martins, centro de Manaus, contou com grande presença popular e muita alegria e entusiasmo com a organização proletária.

O prefeito da capital, Amazonino Mendes, compareceu pessoalmente e também representou o governador Gilberto Mestrinho. O presidente regional do PMDB, Carlos Alberto de Carli, esteve presente no ato, que foi animado pela escola de samba Aparecida (tri-campeã do carnaval de Manaus) e pelo grupo musical Cheiro Verde.

O fato de a inauguração ter se transformado numa grande festa política em muito se deveu ao apoio moral e material do prefeito Amazonino Mendes, do governador Gilberto Mestrinho e outras personalidades democráticas. O entusiasmo popular para com o partido pôde ser medido no grande número de filiações. Um dos novos membros (antigo militante político da oposição), logo no primeiro contato ofereceu sua casa "para ser sede do PC do B". Da cidade de Presidente Figueiredo, fundada em 1982, veio espontaneamente uma caravana de trabalhadores (que se filiaram em massa e agora estão cuidando de fundar o Partido Comunista na cidade).

SÃO MIGUEL E UBERLÂNDIA
A rua Amadeu Gamberini, no centro de São Miguel Paulista - o mais populoso bairro da Zona Leste de São Paulo - estava enfeitada para a festa de inauguração da sede do PC do B na noite de sexta-feira, dia 5. Apesar do intenso frio e da fina chuva, cerca de 150 pessoas participaram. Gente de todas as idades foram levar o eu apoio ao partido: militantes, novatos, curiosos interessados em conhecer as propostas dos comunistas e antigos simpatizantes que reencontravam com o partido admirado e durante tantos anos perseguido.

A inauguração da sede do Partido Comunista do Brasil em Uberlândia, Minas Gerais, ocorreu durante uma solenidade bastante simples no domingo, dia 7. Estiveram presentes mais de 100 pessoas, a grande maioria operários, sindicalistas e lideranças populares. Compareceram ainda representantes de outros partidos políticos, o presidente da Câmara de Vereadores, vereador Antônio Jorge Neto, a vice-presidente Nilza Alves de Oliveira e o vereador Geraldo Rezende. O interesse da população de Uberlândia em relação ao PC do B é muito grande e tem crescido muito ultimamente.

ERRATA

No artigo "Caso Baumgarten: chefes militares contra apuração", publicado na última edição deste jornal, atribuímos erroneamente ao brigadeiro Otávio Moreira Lima o cargo de ministro da Marinha. Trata-se, na verdade, do ministro da Aeronáutica.

PMDB define os seus candidatos

As convenções municipais e distritais peemedebistas, domingo dia 7, fixaram melhor o panorama das eleições de novembro para as Prefeituras das capitais mas isto não quer dizer que seja um quadro fácil. Mesquinhas, futilidades e ambições obtusas embotam o espírito mudancista e até as possibilidades eleitorais da legenda que, pela lógica dos fatos, é a responsável maior pela sustentação da Nova República e que teria condições de encabeçar campanhas vitoriosas em todas as capitais.

É certo que em São Paulo, Porto Alegre e Fortaleza, por exemplo, o PMDB findou por aglutinar-se em torno das candidaturas de Fernando Henrique Cardoso, Carrion Júnior e Paes de Andrade; enquanto em Salvador a vitória folga de Mário Kertesz, com apoio da Tendência Popular, prenuncia um resultado favorável do ponto de vista do povo. Porém desempenhos como os de Recife, Rio e Goiânia, onde triunfaram o atraso e a divisão, impõem aos setores populares a necessidade de um esforço extraordinário que permita recolocar nos trilhos a sucessão municipal.

Tiros, tumulto, corrupção - valeu tudo para tentar impor ao PMDB de Recife o nome do deputado federal Sérgio Murilo, que teve apoio do ex-senador Cid Sampaio e das brigadas do MR-8, usando métodos denunciados como malufistas. O resultado foram convenções deformadas, em que foi derrotado o nome do deputado Jarbas Vasconcelos, de longe o mais popular e o que reúne o apoio de setores mais expressivos do movimento democrático pernambucano - entre os quais Miguel Arraes, Marcos Freire e o PC do B.

Configurou-se assim uma nítida manobra, um truque sujo para impedir que em 15 de novembro as reacionárias oligarquias pernambucanas fossem derrotadas por uma candidatura de nítido conteúdo progressista.

A distorção nas convenções recifenses foi tão patente que de imediato surgiu um forte movimento de resistência nas bases incorporadas. Na noite de segunda-feira, 24 horas após o anúncio dos resultados, uma simples reunião convocada para a sede do PMDB transformou-se em verdadeira assembleia, com mais de mil presentes e um clima que lembrava o da campanha pelas diretas já. Levantou-se então a possibilidade de Jarbas Vasconcelos concorrer à Prefeitura utilizando outra sigla - o recém-formado PSB ou mesmo PTB - mas com o apoio de seus companheiros peemedebistas e de uma coligação mais ampla, a "Frente Popular do Recife" ou a "Nova Frente de Recife".

No entanto, como o prazo para Jarbas se inscrever em outra legenda só se esgota segunda-feira dia 15, os setores que o apoiam decidiram continuar insistindo para que se chegue a uma solução satisfatória dentro dos marcos do PMDB.

IMPOSIÇÃO CHAGUISTA

A imposição da chapa chaguista de Jorge Leite nas convenções do PMDB do Rio de Janeiro criou uma situação de impasse para os setores oposicionistas que consequentes, apoiam a Nova República. Sem respaldo popular e vinculado ao antigo governador Chagas Freitas - batido nas eleições cariocas, pela população descontente com sua política corrupta e antipopular -, Jorge Leite não tem a mínima condição de vencer o pleito municipal de novembro. Comenta-se que Brizola teria acionado pessoas a ele ligadas dentro do PMDB, para garantir o nome de Jorge Leite no partido.

Setores dos grupos Progressista e Independente do PMDB estão buscando saídas para a situação. O vereador Sérgio Cabral abriu mão de sua candidatura, em favor de Artur da Távola, visando somar forças para enfrentar Jorge Leite na convenção municipal do partido.

VITÓRIA EM SALVADOR

Em Salvador as convenções zonais do PMDB confirmaram a preferência popular, elegendo por esmagadora maioria a chapa do ex-prefeito Mário Ker-

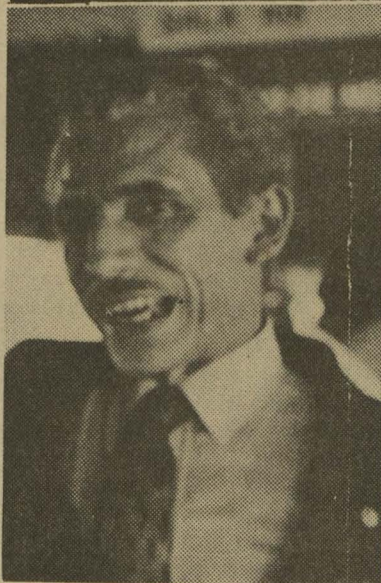
tesz, que obteve 8.856 votos, contra os 2.533 obtidos pela chapa ligada ao presidente regional do PMDB, Marcelo Cordeiro.

A vitória de Kertesz refletiu o apoio de massas ao seu nome, e também o apoio de setores do ex-PP, do grupo Expansão Democrática, e da Tendência Popular liderada pelos deputados Francisco Pinto e Haroldo Lima e pelo Partido Comunista do Brasil.

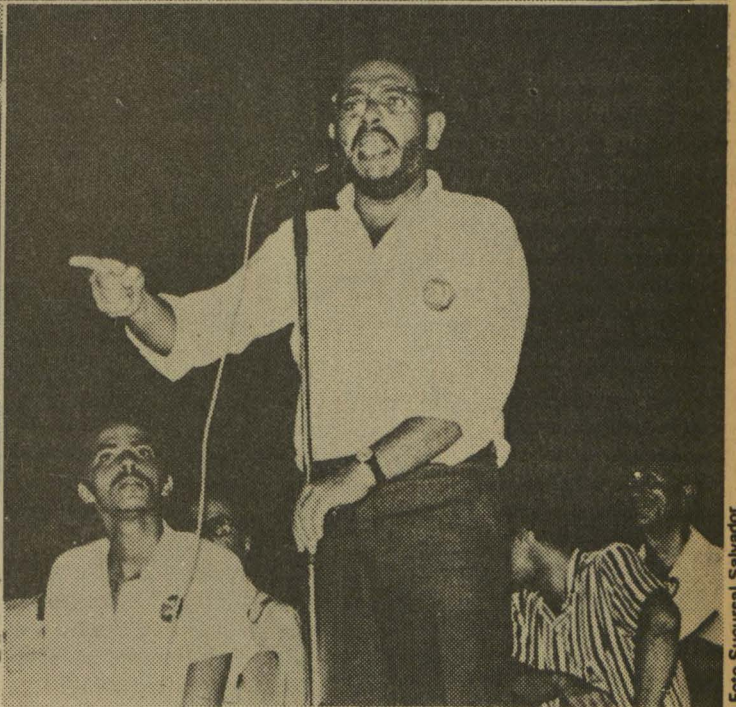
Kertesz conclamou o partido à unidade e colocou-se à disposição para conversar com todas as forças partidárias. Marcelo Cordeiro, por sua vez, anunciou que retirava sua candidatura à indicação do PMDB. Ao enriquecer o apoio de massas de Mário Kertesz, a Tendência Popular deu um passo decisivo para a construção da unidade partidária, e novas adesões foram surgindo até as vésperas das convenções.

A proposta de governo de Kertesz está esboçada em seus pronunciamentos em defesa das mudanças reclamadas pela nação, em apoio às medidas do governo Sarney neste sentido e em defesa da gestão democrática da cidade. A ele se incorporam as idéias dos demais grupos que o apoiam, principalmente o documento da Tendência Popular, resultado de um encontro de mais de 300 lideranças políticas, sindicais, estudantis e populares.

Em Goiânia a vitória dos setores mais à direita no Diretório do PMDB inviabilizou a candidatura do deputado Daniel Antônio por



Arraes e Jarbas (acima) buscam a unidade em Recife; Kertesz (ao microfone) e Falcão são os candidatos em Salvador e Maceió



esta sigla. A sucessão municipal ganhou novos complicadores com a adesão de Daniel Antônio ao PDT e a pretensão do vice de sua chapa, Pedro Ludovico, de ingressar no PFL, facilitando uma coligação desses partidos para enfrentar o candidato peemedebista a ser escolhido.

Na eleição do diretório o uso do poder econômico, da máquina administrativa do governo e das pressões veladas e abertas asseguraram a vitória dos conservadores. A candidatura de Moisés Abrão, apoiada pelo fascista Irapuan Costa Júnior, saiu fortalecida desse processo.

Luiz Carlos Orro, dirigente do PC do B, informa que em Anápolis o virtual candidato do PMDB, depu-

tado Ademar Santillo, "é um homem progressista com um passado de luta em prol da democracia, com que o PC do B poderá atuar em coligação".

"Em Goiânia", acrescenta, "existe a possibilidade de que saia pelo PMDB um candidato conservador, sem compromisso com os interesses populares, com as transformações exigidas pelo povo. Neste caso, não está definida uma coligação entre o PC do B e o PMDB. Essa definição ocorrerá no caso do PMDB apresentar um candidato com respaldo popular e que procure resolver os principais problemas do povo goianense".

A vitória do candidato Edison Andradino, no

PMDB de Florianópolis, traz dificuldades para que os que apoiam a Nova República. Andradino apresenta-se como oposição ao governo federal e é contrário às mudanças progressistas e ao avanço democrático que a sociedade almeja. Contando com poderoso apoio financeiro, ele utilizou inclusive serviço de rádio amador e sistema de computação para abocanhar a direção do PMDB.

Cerca de 10 mil dos mais de 60 mil filiados ao PMDB participaram da eleição dos membros e delegados dos diretórios das oito zonas existentes em Belo Horizonte (MG). O clima foi de festa, com muita propaganda dos oito pré-candidatos a prefeito pelo PMDB. Porém o poder das forças conservadoras foi considerável. Apesar da convenção ser numericamente expressiva, o PMDB ainda não encontrou o caminho para transformar as eleições de 15 de novembro em um passo importante na derrota do conservadorismo local, na consolidação e no avanço do ainda frágil processo de mudanças político-econômicas em nosso país.

UNIDADE EM ALAGOAS

Em Maceió, Alagoas, o PMDB chegou finalmente ao entendimento, compondo uma chapa de unidade ao fim de uma acirrada discussão que durou três meses. O candidato a prefeito é o deputado federal Djalma Falcão, opositorista histórico no Estado. Como vice ficou o ex-deputado federal José Costa, presidente regional do PMDB.

O entendimento foi propiciado, em grande parte, pelo gesto do deputado federal Renan Calheiros, o mais votado do PMDB, que retirou sua candidatura para que ela não servisse de pretexto a um grupo minoritário que ameaçava dividir o partido.

Consolidando o entendimento, Djalma Falcão exortou a "uma convivência democrática de todos os setores partidários, para que consigamos breve a coligação com os outros partidos e derrotemos o inimigo comum". O deputado estadual Eduardo Bonfim disse que "agora o povo de Maceió fica mais seguro, porque sabe que o PMDB, caminhando unido para o 15 de novembro, sentinela da capital alagoana". (da sucursal)



Luiz Caetano é carregado pelos filiados

Povo vence em Camaçari

Numa convenção democrática e unitária, o vereador Luiz Caetano assegurou sua indicação como candidato do PMDB a prefeito de Camaçari, município até há pouco considerado de "segurança nacional" e que é o mais importante centro operário da Bahia. Sua chapa, que contou com o apoio da Tendência Popular do PMDB, obteve 1.552 votos dos 3.537 delegados que participaram da convenção no último domingo.

Luiz Caetano, que usou na sua campanha o slogan "Para mudar Camaçari, a saída é governar com o povo", manifestou a convicção de que o PMDB marchará unido e sairá vitorioso em novembro. E argumenta recordando que o vereador Francisco Assemany, presidente da Câmara Municipal, que ficou em segundo lugar na convenção com 1.249 votos, assumiu com um pacto de unidade em torno do mais votado - pacto assumido em praça pública, diante do povo, e alicerçado

pelos deputados federais Genebaldo Correia e Haroldo Lima. Após a divulgação do resultado, os três candidatos (o terceiro colocado foi o economista Isaac Marambaia, com 680 votos) foram carregados em triunfo pela cidade, aos gritos de "Unidade!".

A convenção de domingo em Camaçari foi um exemplo de democracia. Durante todo o dia o ambiente foi de verdadeira campanha eleitoral. Faixas, cartazes, bandeiras, camisetas, broches e panfletos coloriam as ruas da cidade. Votaram nas eleições para o Diretório Municipal 3.537 dos 8.493 filiados em condições de exercer o voto.

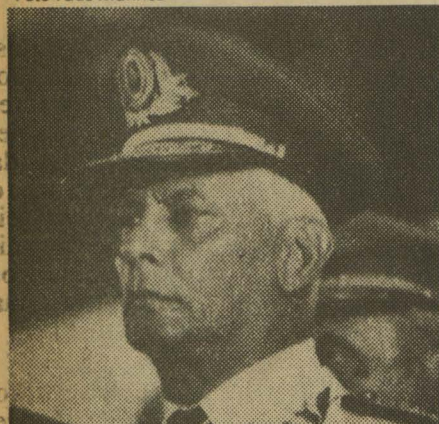
A chapa vencedora, do vereador Luiz Caetano, é bastante ampla, reunindo representantes de todas as associações de bairro de Camaçari, dos operários e de outros setores organizados da sociedade. Caetano desfruta de um grande prestígio na comunidade e, um vez mantida a unidade do PMDB, é quase certa a vitória nas próximas eleições (da sucursal)

Fundação Maurício Grabois

Conexões do caso Baumgarten

Uma coisa que chama atenção no caso Baumgarten é a insistência quase enferma de alguns em caracterizá-lo como "um mero caso policial". Em geral são os chefes militares que defendem ardorosamente esta "opinião", esbravejam contra o que eles consideram "exploração política" do assassinato do jornalista (em outubro de 1982) e não poucas vezes colocam-se contra a apuração do crime. Não é de estranhar tal comportamento. Afinal, por suas ramificações, o caso Baumgarten coloca em julgamento precisamente o regime implantado em 1964 pelos generais, descobre-lhe boa parte da podridão e, por teimosia dos fatos, continua ocupando as páginas dedicadas a assuntos políticos pelos jornais. Abaixo publicamos algumas dessas conexões com instituições militares, outros casos de corrupção e crimes ocorridos à sombra do velho regime.

Foto Tude Munhoz



Cruz: envolvido da cabeça aos pés

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES - sem sombra de dúvidas, e também sem trocadilho, o SNI está envolvido da cabeça aos pés no assassinato do jornalista. No dia 7 de julho de 1982, depois de haver escapado de um atentado, Baumgarten escreveu o seguinte bilhete: "Sofri um ataque por uma picada de injeção desferida por dois homens, um dos quais me atingiu por trás. Quase morri. Se alguma coisa me acontecer, os culpados são o general Otávio de Aguiar Medeiros (então ministro-chefe do SNI) e Newton Araújo de Oliveira e Cruz (ex-chefe da Agência Central do SNI em Brasília), citados no dossiê O Cruzeiro".

O jornalista, contratado pelo SNI para relançar a revista O Cruzeiro em 1979, conta em seu famoso dossiê que sua morte foi decidida numa reunião realizada no gabinete do general Newton Cruz em Brasília, em 19 de janeiro de 1981. A comunidade de informações, segundo depoimento do coronel Dickson Melges Graef à polícia fluminense, organizou a "Operação Dragão", que consistiu no sequestro, interrogatório, tortura e assassinato do jornalista. A "Operação" teria sido coordenada pelos coronéis Ary Aguiar Freire e Ary Pereira de Carvalho, os "Aryzinhos", ambos ex-dirigentes do SNI. Também participaram, entre outros o coronel Manhães (hoje também identificado como o tenente-coronel Paulo Malhães), o capitão de reserva Ayrton Guimarães Rosa e o sargento Roberto Fábio, do SNI.

Também estão de alguma forma envolvidos no escândalo os seguintes membros ou ex-membros do "Serviço": general Waldir Muniz, coronéis Dirceu Bittencourt de Sá, Ulisses Correia, Dubrava, Pedro Verrastro, Antônio Júlio Vieira, Clidenor, Dirney, Dirceu, Saraiba, Weibert Cipoli Montenegro. E, ainda, o comandante da Marinha Edilberto Braga, Francisco Salles de Oliveira Júnior, Eoni Verusca e Maria Luíza Cattapani.

Foto Jorge Peter



Cel. Freire, enviado do SNI à OIT

OS "ADIDOS" - Prenunciando o fim do regime militar, o "Serviço" tratou de promover algumas iniciativas para acomodar-se aos novos tempos. Nas promoções feitas nas Forças Armadas depois de definido o processo sucessório, por exemplo, 80% dos beneficiários eram ligados à comunidade de informações e muitos têm, agora, o comando de regimentos de grande importância estratégica. Também quando "estorou" o caso Baumgarten, a partir da divulgação do dossiê do jornalista, o "Serviço" deu logo um jeito de afastar do país os coronéis Ary Aguiar Freire e Ary Pereira de Carvalho. Os dois haviam participado de forma muito escandalosa no crime. Mereceram, por isso, as funções de "adi-

dos" do SNI na OIT (Aguiar Freire) e na embaixada argentina (Ary Carvalho). Os "Aryzinhos" não possuem qualificações para o exercício desses postos e ninguém sabe definir exatamente o que fazem, mas ganham 6 mil dólares mensais cada um, tirados dos cofres públicos.

CAPEMI - O inquérito que apura o escândalo da Capemi no reflorescimento de Tucuruí, onde foi provocado um rombo de pelo menos 80 milhões de dólares, foi anexado ao caso Baumgarten. A partir de 1980, o general Newton Cruz passou a pressionar Baumgarten para que transferisse o controle da revista O Cruzeiro à Capemi (um conglomerado controlado por oficiais da reserva). Fruto dessa pressão, a revista acabou passando às mãos de Antônio Mourão Abissâmara, casado com uma prima de Newton Cruz. O relatório aprovado pela CPI da Capemi conclui entre outras coisas, que o SNI aparece, todo o tempo, como o grande gestor do projeto, confirmando as afirmações do dossiê Baumgarten, de que foi o "Serviço" quem viabilizou o contrato da Capemi para extração e venda da madeira de Tucuruí. Neste escândalo estão implicados, ainda, Nylson Araújo de Oliveira Cruz, irmão do ex-chefe da Agência Central do SNI; Fernando Mário Oliveira e Cruz, primo-irmão; e Isaac Bertzussan, casado com uma prima o general Cruz.



Capemi também ligada ao assassinato

POLÍCIA FEDERAL - Antes de ser assassinado, Baumgarten teria permanecido encarcerado durante cerca de nove dias no 3º andar do prédio da Polícia Federal do Rio de Janeiro - numa sala sem janelas e impermeável ao som, situada na avenida Rodrigues Alves, próximo à praça Mauá. Ali o jornalista teria sido torturado a fim de "entregar" os nomes dos destinatários do seu dossiê, também o coronel Hércilio Silveira, testemunha nos casos Baumgarten e Capemi, foi detido pela PF do Rio, em 1983.

GENERAL FIGUEIREDO - O general Figueiredo (cujo filho, Paulo Renato Figueiredo, é um dos acusados no caso Capemi) escreveu uma carta em homenagem a uma edição "histórica" da revista O Cruzeiro antes das eleições de 1982, onde diz que aquele número era uma "manifestação inquestionável de apoio e solidariedade às classes políticas brasileiras". A mensagem foi usada pelo então editor, Abissâmara, para pressionar anunciantes e garantir uma grande receita publicitária.

Foto Cláudio Versiani

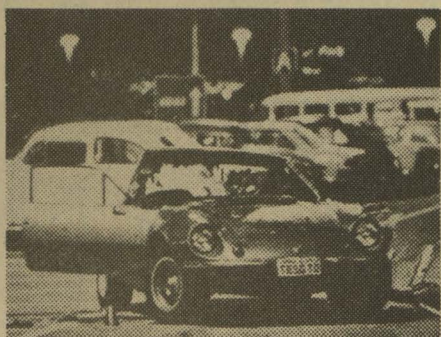


A té este general ajudou O Cruzeiro

Foto Heinz Prellwitz



Podridão do velho regime ficou a descoberto após a morte de Baumgarten



Riocentro: Baumgarten sabia do crime

RIOCENTRO - Em seu depoimento, o coronel Dickson Graef, que realizou uma investigação própria sobre o atentado de extrema direita no Riocentro em 1981, narrada no livro "A sombras da impunidade", foi categórico: "nada de mais óbvio para mim de que na morte de Baumgarten se processou uma queima de arquivo, a primeira grande, e talvez a maior, do episódio Riocentro". O coronel lembra que Baumgarten escreveu uma novela ("Yellow Cake"), onde dedicou-se a narrar os podres do regime, inclusive detalhando o atentado no Riocentro em 14 páginas que, por sinal, foram roubadas do inquérito.

SECRETARIA DE SEGURANÇA DO RJ - Na época do crime, o secretário de Segurança do Rio era o general Waldyr Muniz, ex-membro do SNI que, por todos os meios, procurou impedir a investigação. Sua primeira atitude foi afastar o delegado Romen José Vieira da 16ª Delegacia de Polícia (responsável pelo inquérito). Por sugestão de Edilberto Braga, do Centro de Informações da Marinha (mais tarde, em 83, agraciado com a Superintendência da PF no Estado) e do advogado Geraldo Araújo, do SNI, indicou para a 16ª Delegacia o delegado João Kepler Fontenelle. Fontenelle - que fora comissário do DOPS e sempre muito ligado ao "Serviço" - enviou o inquérito à Justiça contendo apenas o registro de ocorrência. E depois que a Justiça devolveu-lhe o inquérito novamente apressou-se a concluí-lo, remetendo 24 dias antes de se esgotar o prazo, dando o caso por encerrado "por falta de provas". Fontenelle também ameaçou testemunhas e é suspeito de ter roubado as 14 páginas da novela de Baumgarten. Depois que o dossiê foi divulgado pela imprensa, por exigência da Justiça o caso passou a ser investigado pela Delegacia de Homicídios, mas nenhum dos três delegados que investigaram o crime (Nills Kaufman, Wilson Vieira e Brito Pereira) cumpriram as determinações do juiz Motta Morais e do promotor Gerson Arraes - de que fossem ouvidas todas as testemunhas citadas no dossiê de Baumgarten. Eram as mãos de Waldyr Muniz.

CASO FAFÉ - "Os assassinatos do técnico da Companhia Telefônica do Estado do Rio de Janeiro, Heráclito Fafé, vítima de um atentado com uma injeção venenosa em Copacabana em agosto de 1982; do jornalista Alexandre Von Baumgarten, em outubro do mesmo ano e do major do Exército Luiz Carvalho Bernardes, morto a tiros em um ônibus no Parque do Flamengo, em março de 1985, fazem parte da mesma história". Quem fez o vínculo entre os três assassinatos foi o promotor Murilo Bernardes Miguel, que acompanha o inquérito sobre o caso Baumgarten. Fafé fazia gramações de telefone para o SNI e depois passou a trabalhar para o ex-editor da revista O Cruzeiro. Já Carvalho Bernardes tinha

informações preciosas sobre o caso Capemi, que prometia revelar à polícia.

III EXÉRCITO - O ex-comandante do III Exército, general Antônio Bandeira, identificado por muitos presos políticos como torturador, foi, conforme Baumgarten, muito útil na "Operação O Cruzeiro". A pedido do SNI, "chegou a promover uma grande reunião de empresários" para obter recursos para a revista. Mobilizou também para esta finalidade o general Joffe, que manteve entendimento, em 1979 e 1980, com os então governadores de Santa Catarina e Paraná.

ATENTADOS - O procurador Vitor André Junqueira Ayres, responsável pela investigação do caso Capemi e Baumgarten, levantou a possibilidade de ligação entre o atentado no jornal "O Estado de São Paulo" e o assassinato do jornalista, baseado no fato de que, em ambos os casos, estão metidos militares da extrema-direita.



Fiel, morto em 1976 no II Exército

HERZOG E FIEL FILHO - Foi também o procurador Junqueira Ayres quem acusou o coronel Ary Aguiar Freire, um dos coordenadores da "Operação Dragão", de ser o principal responsável pelas mortes do jornalista Vladimir Herzog (em 1975) e do operário Manuel Fiel Filho, em 1976, nas dependências do DOI-Codi do II Exército. "Aryzinhos" "servia" ao II Exército na época e, em função dos assassinatos, "caiu em desgraça". Foi retirado dali por Baumgarten, de quem chegou a ser "amigo" e que o colocou na chefia do SNI no Rio.

JOGO DO BICHO - Um dos acusados, o capitão do Exército Ailton Guimarães, que na década de 70 participou do terrorismo oficial contra as oposições e pertenceu ao DOI-Codi do Rio é também o maior banqueiro do jogo de bicho de Niterói. Guimarães é acusado de ter chefiado a equipe de torturadores nos interrogatórios da Polícia do Exército pelo ex-marinheiro Francisco Lopes de Almeida. E está envolvido em casos de roubo e contrabando. Quando depôs junto à polícia fluminense, disse que nada tem a ver com o crime e é um "simples estudioso do jogo do bicho".

CIEX - Outro acusado, o coronel Manhães (ou tenente-coronel Paulo Malhães), foi chefe de operações do Centro de Informações do Exército (CIEX) no Rio, trabalhando sob o comando do general Geraldo Braga, atual chefe da Agência Central do SNI em Brasília.

Malhães é ligado ao contrabandista conhecido por Manuel Portuquês, que sedeu seu sítio em Jacarepaguá, subúrbio do Rio, como centro de treinamento e base de operações para o DOI-Codi do Exército preparar o atentado ao Riocentro. (Continuação)

Conservadores exigem política recessiva

O governo definiu recentemente uma série de medidas destinadas a reduzir em Cr\$ 39,2 trilhões o déficit público, estimado para este ano em Cr\$ 108,5 trilhões pelo presidente José Sarney. Foi decidido um corte de Cr\$ 15 trilhões nas despesas das estatais; aumento da arrecadação de impostos, de Cr\$ 17 trilhões através do recolhimento antecipado do IPI, do IR de pessoas jurídicas, lucros obtidos no mercado financeiro e outros meios; redução do déficit da Previdência e dos subsídios ao álcool e açúcar.

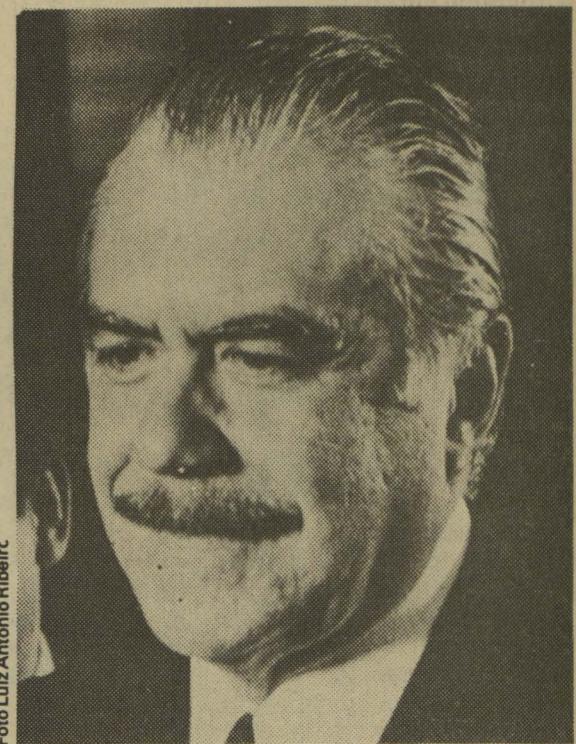
Durante a elaboração do novo "pacote" (ou "embrulhinho", segundo a expressão usada pelo jornal "O Estado de São Paulo"), ficou mais uma vez evidenciada a contradição entre os setores progressistas e conservadores do governo. A luta ocorreu em torno da profundidade que deveria ter o corte, particularmente sobre o dispêndio das empresas estatais.

O FMI, cuja posição vem sendo defendida com unhas e dentes pelo ministro Francisco Dornelles, da Fazenda, desejava medidas drásticas e recessivas. Todos os que rezam por sua cartilha têm sido unânimes em condenar a "timidez" do governo e gritar contra o tratamento "brando" dispensado às estatais.

De fato, os cortes anunciados, embora de forma alguma mereçam aplausos ainda não representam uma séria ameaça de aprofundamento da recessão e liquidação das estatais, ao menos no nível pretendido pelo imperialismo. Em grande parte recaem sobre intenções de investimento. E penalizam sobretudo grandes projetos como o das usinas nucleares (que continuará praticamente paralisado); a 3ª etapa do Açominas; a Ferrovia do Aço e outros da espécie (muitos já desativados).

O presidente Sarney voltou a declarar que pretende retomar o crescimento econômico e que subordinou as decisões neste campo a esta intenção. O governo quer que o FMI acate as medidas, abrindo mão de novas imposições recessivas. É de se prever maiores atritos nas negociações com aquela instituição, que não mostra disposição de ceder (um bom indicador é o próprio ministro Dornelles dado novamente como derrotado, que considera "insuficientes" os cortes nas estatais).

Por outro lado, embora haja mudança de tom do governo no tratamento com o FMI, o último pacote, além de e manter no campo do receituário monetarista, está longe de atingir o cerne do problema. Em si, pouco ou nada contribuirá para resolver a grave crise econômica, cuja perspectiva é o agravamento. Não se falou nem se tocou ainda na dívida externa, que permanece sangrando violentamente a economia do país - exigindo a continuidade da política de exportação a qualquer preço, vultuosos superávits comerciais e grandes somas de divisas para pagar os banqueiros, com consequências calamitosas, entre elas a elevação insuportável do endividamento e do déficit público.



Sarney tencionando retomar o crescimento

Brasil, bom negócio para multinacionais

O Brasil é o país dos chamados "em desenvolvimento" que recebe maior quantidade de inversão direta de capitais estrangeiros. É o que assinala o Banco Mundial em seu informe anual recém divulgado em Washington. Em fins de 1983 o Brasil já havia recebido 22,3 bilhões de dólares. Mas o Banco indica também que cerca de 40% destes investimentos provêm de financiamentos de bancos comerciais. Ou seja, em grande parte os investimentos estrangeiros são feitos com recursos obtidos no próprio Brasil - em outras palavras o país paga para instalar aqui as multinacionais que irão explorar o nosso povo, sugar as nossas riquezas naturais, sufocar a indústria e o desenvolvimento tecnológico nacionais!

Destes investimentos cerca de 33% são norte-americanos, 13% da Alemanha Federal, 9% do Japão e outros menores. Aproximadamente 75% das inversões são dirigidas para a indústria de transformação apertando os laços de dominação sobre a economia brasileira.

O informe do Banco Mundial mostra ainda a intensa participação das multinacionais no comércio brasileiro. Em 1977, estas firmas estrangeiras foram responsáveis por 45% das vendas domésticas de produtos manufaturados e aproximadamente a mesma proporção nas importações.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A Batalha das prefeituras

Não vamos nos dispersar! Esta advertência precisa ser repetida com ênfase, diante das disputas sem princípios para as candidaturas a prefeito em 15 de novembro. Diversos grupos dentro do PMDB revelam seu descompromisso com a plataforma de mudanças reclamadas pelo povo e tratam acima de tudo de garantir seus próprios interesses por cargos.

LUTA POR MUDANÇAS

O PMDB transformou-se numa grande frente oposicionista contra a ditadura. Por ser uma legenda ampla, que comportava uma grande diversidade de posições dentro do objetivo comum de derrotar os generais, este partido manteve-se unido, e cresceu, apesar de diversas manobras dos inimigos da liberdade. Depois da vitória contra o regime militar, o PMDB só tem condições de se manter como um grande partido democrático - e é necessário que se mantenha - se sustentar com firmeza a luta por mudanças.

Mas para concretizar esta unidade, os democratas conseqüentes terão que aplicar uma política muito hábil e flexível. Na disputa pelas prefeituras, impõe-se aglutinar amplas forças para derrotar as posições direitistas, conservadoras, que insistem em impor nomes em desacordo com a opinião pública, valendo-se de pressões do governo estadual e do poder econômico. Ao mesmo tempo é necessário saber unir todos os interessados em mudanças, mesmo que for necessário ceder algumas coisas, para escolher um candidato democrático.

No Rio de Janeiro e em Goiás, por exemplo, é evidente que o sr. Chagas Freitas e o sr. Irapuan Costa Júnior estão inteiramente fora de sintonia com a Nova República. Mas mesmo assim, recorrendo a expedientes antidemocráticos, tratam de impor seus afilhados como candidatos do PMDB à prefeitura das capitais. Por outro lado, aproveitando-se da situação, as forças diversionistas trabalham para que os democratas conseqüentes se dispersem nas legendas do PDT e do PT. É uma manobra articulada para impedir a unidade popular e democrática e substituir a luta política concreta, para obter os avanços necessários, pelo alarido inconseqüente e pelos protestos desesperados.

SOLUÇÃO ENGANOSA

Em função das dificuldades, a "solução fácil" de passar para o PDT ou para o PT é enganosa. Não se pode esquecer que a luta pela prefeitura não se encerra em si mesma. Faz parte da batalha mais geral pelas transformações progressistas de acordo com o programa almejado para a Nova República. E que terá continuidade em especial com as eleições para a Constituinte em novembro de 1986. Neste sentido, a ligação com estes partidos que se opõem frontalmente à Nova República, que defendem os interesses particulares do sr. Leonel Brizola - que já se pronunciou abertamente contra a reforma agrária e contra a apuração dos crimes dos militares, como o do Riocentro, de Alexandre Baumgarten e outros - e dos grupos inconseqüentes da pequena burguesia, inclusive dos trotskysts, só pode dificultar o movimento popular e democrático.

NÃO MARCHAR ISOLADO

Mesmo a legalidade dos partidos até então clandestinos, como o PC do B, não implica em rompimento da unidade geral conseguida com o PMDB e com a Aliança Democrática. Os trabalhadores terão melhores condições de lutar com independência, mas não têm interesse em marchar isolados. Mesmo nos casos em que os direitistas impuserem candidatos antipovo, e com isto inviabilizarem o apoio ao PMDB, é necessário encontrar fórmulas adequadas para assegurar a unidade ampla dos democratas para os novos combates que virão.

(Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

A piada do SNI

SNI democrático! Esta é a última piada do general Ivan de Souza Mendes, chefe desta sinistra instituição. Segundo o general, a partir de agora a imprensa e os parlamentares podem ter acesso a este órgão - salvo as informações sigilosas! E que os cidadãos descontentes com algum prejuízo que lhe tenha sido causado por interferência dos "serviço", podem pedir "explicações" sobre o que consta no cadastro do SNI sobre suas atividades. Mas não pode ter acesso às fichas diretamente.

No fundo, a imprensa e o Congresso podem fiscalizar o secundário pois o fundamental a "Comunidade" classifica como sigiloso e pronto. Por exemplo, a trama que culminou no assassinato de Alexandre Baumgarten é tão sigilosa que o general Newton Cruz se escuda nisto para negar-se a dar informações no inquérito.

E sobre as fichas, isto só vem confirmar que o SNI continua espionando os cidadãos brasileiros, dentro do velho esquema de "segurança nacional" em que o povo é o inimigo na tal "guerra psicológica adversa" inventada pela Escola Superior de Guerra.

Só existe uma maneira para "democratizar" o SNI: é extingüir sumariamente este instrumento do terror, do fascismo e da reação.

As maiores dificuldades do sindicalismo no campo

O movimento sindical dos trabalhadores rurais vive nos últimos anos um grande ascenso, com vertiginoso crescimento quantitativo e qualitativo. Hoje são mais de 2.600 Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs) espalhados por todo o país, boa parte deles encabeçando combativas lutas de posseiros, pequenos proprietários e greves de assalariados agrícolas.

O sindicalismo no campo é recente. Os primeiros sinais de ação sindical na zona rural datam dos anos 50 e, particularmente, da década de 60. Na época, enquanto vigoravam governos democráticos, operou-se um grande avanço na luta dos trabalhadores rurais, com a ação organizada das Ligas Camponesas, da Ultab (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Brasileiros) e dos primeiros STRs. Mas este florescente e combativo movimento foi logo duramente atingido pelo golpe dos militares, em março de 64.

A partir daí o sindicalismo do campo, assim como o restante do movimento sindical, passou a viver num clima de opressão e até de terror fascista. Grande número de ativistas, delegados e dirigentes sindicais sofreram intervenção federal e foram entregues a interventores apadrinhados dos grileiros e latifundiários. Em Pernambuco, por exemplo, cerca de 30 STRs sofreram intervenção do Ministério do Trabalho entre 1964 e 1967. Vários delegados sindicais foram encontrados mortos nas usinas e engenhos de cana-de-açúcar.

Além disso, o regime militar incentivou ao máximo a ação assistencialista nos STRs. A maior parte dos convênios médicos feitos pelo INPS com os Sindicatos ocorreu no campo. Muita entidade quase se transformou em mero ambulatório público, em agência do Funrural, em gabinete dentário. Os convênios envolveram vários dirigentes sindicais, canalizando os poucos recursos das entidades, tornando-as órgãos de prestação de serviços assistenciais, descaracterizando-se enquanto órgãos de luta de classe.

Na base da violência, do rígido controle e vigilância, o regime militar procurou viciar os STRs, limitando suas atividades as ações individuais e paternalistas. Entre os sindicalistas isto resultou numa forte carga de legalismo, na crença de que os Sindicatos não podem fazer nada que não esteja previsto nas reacionárias leis das classes dominantes. A greve passou a ser vista como ilegal, assim como a discussão política no interior das entidades sindicais e nos locais de trabalho.

"A razão principal dos defeitos está nos 21 anos de regime militar"

"Até hoje a gente colhe os defeitos impostos pelos governos autoritários", comenta José Rodrigues Silva, 44 anos, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape). Para ele, "a razão maior das debilidades do sindicalismo no campo está nos 21 anos de regime militar. A forte repressão do governo cortou a cabeça de centenas de lideranças autênticas e atemorizou a jovem geração. Isto contribuiu para tornar o STR um órgão moderado, afastado de suas bases, preocupado apenas com o paternalismo e o assistencialismo".

Conforme avaliação de José Francisco, presidente da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), de 1964 a 1979 o sindicalismo no campo agiu na defensiva. "A luta se dava através das ações individuais na Justiça, com poucos resultados concretos, já que a Justiça sempre esteve vendida aos grandes proprietários de terras. Não havia clima para desenvolver as lutas coletivas, as campanhas salariais, as greves. Imperavam o AI-5, a tortura, os desaparecimentos. Só a partir do 3º Congresso da Contag, em 1979, é que operamos uma radical mudança na nossa ação sindical, passando a mobilizar as bases, pressionando de forma coletiva".



Foto Márcio Metzger

Assalariado rural: em busca de um instrumento de luta por seus direitos

O respeitado velho Doza, sr. José Basílio Siqueira, de 69 anos, viveu na carne este período negro da ditadura. Em 1972 ele e outros posseiros de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, fundaram o STR. Pouco depois o Sindicato sofreu intervenção, com a cassação da diretoria eleita, e foi entregue aos grileiros da região. Segundo ele, "em boa parte dos Sindicatos ocorreu algo semelhante. Isto acovardou muita gente e até hoje muitas entidades estão nas mãos de pessoas ligadas ao latifúndio, os conhecidos pelegos".

No seu Estado, a Fetag é controlada pelo pedessista Jarbas Passarinho e é a única federação estadual que se coloca frontalmente em oposição à Contag. Segundo o velho Doza, inúmeros STRs do Pará vivem fechados, não são referência de luta para os trabalhadores. "Os dirigentes sindicais se encastelaram no poder, pretendem permanecer eternamente nele e por isso temem abrir a entidade para participação dos lavradores".

"O dirigente do STR que não mudar sua atuação sindical será logo varrido"

Apesar deste quadro, Doza não está pessimista. "O Brasil está mudando. O povo quer participar, quer lutar por seus direitos. O dirigente que não entender esta nova conjuntura, não renovar suas atitudes, será varrido em breve". E na prática esta renovação já vem ocorrendo, mesmo que de forma silenciosa. Ela se dá principalmente através da reciclagem de antigos dirigentes sindicais, que compreendem o avanço das lutas no campo e tomam a dianteira. Também se dá nas grandes batalhas, como nas campanhas salariais dos canavieiros de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba, onde uma parte das direções é empurrada para a frente de batalha.

A renovação também ocorre nas eleições sindicais, com a vitória de chapas mais comprometidas com os anseios das bases. Segundo o presi-

O 4º Congresso Nacional da Contag, em fins de maio, refletiu bem esta mudança, com sua expressiva representatividade e resoluções avançadas. Mas nem tudo é perfeição, como reconhecem as próprias lideranças sindicais. Há ainda muitas debilidades que precisam ser superadas para que o sindicalismo rural se coloque à altura do descontentamento dos trabalhadores e faça avançar sua luta por melhores dias e pela reforma agrária.

riamente demitidos e ameaçados. Outra arma utilizada é a corrupção, a compra das lideranças e dirigentes de entidades. No Nordeste o coronelismo, apesar de decadente, ainda tem enorme influência, como demonstra a vitória do PDS nas eleições de 1982. Estes coronéis dominam grandes áreas, verdadeiros feudos, e atrelam vários STRs a sua política clientelista e populista.

Outro fator que prejudica a ação sindical na zona rural é a falta de estrutura das entidades, que são muito débeis financeiramente. Como explica Aluísio Carneiro, secretário da Fetag-Bahia, "a falta de recursos contribui para o atraso dos STRs, inclusive o atrelamento a alguns fazendeiros. As entidades atuam geralmente em áreas enormes, abrangendo vários municípios, milhares de quilômetros. As casas, os povoados são afastados uns dos outros. Para mobilizar as bases, realizar assembleias e reuniões, é necessário muito dinheiro, coisa que o STR não possui".

A receita dos STRs funciona na mesma base do sindicalismo urbano. Além das mensalidades dos sócios, a entidade conta com o dinheiro do Imposto Sindical, que é arrecadado compulsoriamente dos trabalhadores no valor de um dia de trabalho no ano. Dos pequenos proprietários e posseiros ele é recolhido junto com o Imposto Territorial Rural. Dos assalariados agrícolas é descontado na folha de pagamento das usinas e fazendas. Já no caso dos meeiros e arrendatários uma portaria faculta o direito de pagar diretamente no banco.

"STRs precisam conscientizar as bases, politizar o movimento no campo"

Todo este esquema, que passa pelas mãos dos proprietários de terra, resulta em fraudes e gera confusões, tornando a arrecadação insuficiente. Segundo levantamento feito pela entidade baiana, cerca de 60% dos trabalhadores rurais não pagam a contribuição. Afora isto existe a própria situação de miséria do trabalhador, muitas vezes agravada pela seca e outras calamidades, o que leva muitos a não contribuírem com seu órgão de luta. "Este é um grande desafio para o sindicalismo do campo. Ou ele resolve o problema da autosustentação, ou não terá condições de se aparelhar para as lutas futuras", vaticina Aluísio Carneiro.

Por último, outro fator que debilita a mobilização sindical é o próprio nível de consciência dos trabalhadores. Como explica Divino Goulart, "a gente nota um grande imediatismo entre os companheiros. Eles querem que os problemas sejam resolvidos rapidamente, do contrário se afastam de seus Sindicatos. Como o problema da terra é um problema estrutural, que exige uma longa e árdua luta contra o próprio capitalismo, muitos se cansam e abandonam a batalha. Já no outro extremo, outros se contentam com migalhas, com um pequeno pedacinho de terra".

Para ele, é fundamental superar esta concepção, que é fruto da dominação milenar do latifúndio. "Os Sindicatos precisam conscientizar suas bases, politizar o movimento. Devem abandonar de uma vez por todas a visão paternalista, que vicia os trabalhadores. Alguns têm o péssimo hábito de achar que as melhorias vão cair do céu, vão ser dadas de mão beijada, vão ser arrançadas pelas diretorias dos Sindicatos. Precisamos mostrar que só com união e muita luta é que vamos conquistar nossos direitos. Vamos caminhar para a emancipação completa dos trabalhadores" (Altamiro Borges).

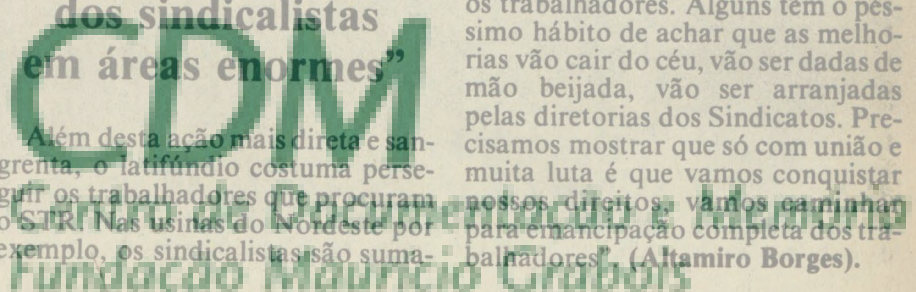
dente da Fetape, no último ciclo de pleitos sindicais, principalmente após a onda grevista em Pernambuco, cerca de 10% das diretorias dos STRs sofreram mudanças para melhor. O mesmo ocorreu em Goiás, na Bahia e em Minas Gerais. Segundo Vicente Faul dos Santos, 22 anos, presidente do STR de Capelinha e diretor da Fetagem, "atualmente mais da metade dos 400 Sindicatos de Minas Gerais mobilizam suas bases, promovem assembleias, encabeçam lutas. Isto é sinal dos novos tempos. Os trabalhadores têm pressionado as entidades. Querem que elas sejam instrumentos de luta e não meros currais eleitorais dos coronéis".

Outro indicativo deste avanço é a fundação de novos STRs, a formação de centenas de delegacias sindicais, a conquista do delegado sindical no local de trabalho. "Só dessa forma o sindicalismo se democratiza, ganha raízes e respaldo das bases", afirma Divino Goulart, secretário da Fetag-Goiás. As entidades fundadas no fogo da luta nascem com grande força. É o caso do STR de Cristalândia, no interior goiano, fundado em 1º de maio do ano passado com uma passeata de mais de 2 mil trabalhadores.

Mas ainda há muitos obstáculos a superar. Um dos quais mais emperam a ação do sindicalismo no campo é o vandalismo, a violência, dos grandes fazendeiros. É notório que muitos latifundiários possuem exércitos particulares, com dezenas de jagunços fortemente armados, cuja principal função é desativar a ação organizada dos camponeses. Nos últimos levantamentos sobre mortes no campo, é crescente a presença de dirigentes e ativistas sindicais.

"Falta de recursos dificulta a ação dos sindicalistas em áreas enormes"

Além desta ação mais direta e sangrenta, o latifúndio costuma perseguir os trabalhadores que procuram o STR. Nas usinas do Nordeste, por exemplo, os sindicalistas são sumariamente expulsos das áreas de trabalho.



24º Congresso da UBES elege Selma presidenta

Mais de 5 mil secundaristas, vindos de todos os Estados do país e denotando uma assombrosa energia após três dias de fadigas, encerraram domingo dia 7 o maior congresso da história de sua entidade máxima - a UBES - realizado no Ginásio do Ginástico de Belo Horizonte. Pela segunda vez na trajetória da UBES foi eleita uma presidenta, Selma Oliveira.

Selma, uma sorridente amazonense de 21 anos, destacou-se na Escola Técnica Federal de Manaus, onde cursava eletrônica, e na gestão passada da UBES ocupava a secretaria de imprensa. Antes dela uma mulher ocupou a presidência da entidade Helga Hofman, eleita em 1955.

Para a presidente eleita, "a participação dos estudantes foi superior a todas as estimativas". De fato, nada menos que 3.447 delegados, de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal, credenciaram-se para o 24º Congresso da UBES, ou seja, mais que o dobro dos 1.712 delegados presentes ao 23º Congresso transcorrido no ano passado.

No Congresso de Reconstrução da UBES, em 1981, estimava-se que apenas 800 mil estudantes estavam representados diretamente por delegados; em 1984, no 23º Congresso, cerca de 2 milhões; e agora, no 24º, perto de 5 milhões. Ainda é pouco, comparado com os 25 milhões de estudantes de 1º e 2º graus existentes no país. Mas neste ritmo, logo a UBES chega lá.

ÍMPETO INCANSÁVEL

O ponto débil do congresso ficou por conta dos problemas de infraestrutura material. "Poderia ter sido maior o apoio do governo de Minas", comentavam diretoras da entidade, assediadas pelas queixas de delegados que não tiveram sequer condução até seus alojamentos, tendo de dormir no Ginásio. Porém nada foi capaz de segurar o ímpeto daquela moçada transbordante de entusiasmo, capaz de discutir política o dia inteiro, dançar em seguida até as 2 da madrugada, emendar um futebol até as 6 e logo de manhã estar novamente de pé, pronta para a briga.

Graças a isso o congresso conseguiu discutir as questões nacionais, internacionais e também as específicas da educação, eleger a nova diretoria e encerrar seus trabalhos às 21 horas do domingo - quebrando a tradição dos congressos estudantis, de varar invari-



Plenária do domingo: discussão o dia inteiro, dança e futebol de madrugada e outra vez discussão...

velmente a madrugada em seu último dia. Também contribuiu para isto a condução da mesa pelo presidente da UBES na gestão que se encerra, Delcimar Pires. Firme mas calmo, impassível mesmo diante das piores provocações, o goiano Delcimar foi elogiado até por correntes rivais.

A VOLTA DOS GRÊMIOS

Sempre por ampla maioria - mais de quatro quintos dos votos - os delegados manifestaram "apoio ao governo da Aliança Democrática nas medidas que visem a consolidação da democracia", destacando entre elas a convocação da Assembleia Constituinte, livre e soberana, para 1986. Ao mesmo tempo, reclamaram

urgência na regulamentação da emenda Calmon - que garante verbas para educação equivalentes a no mínimo 13% do orçamento federal e 25% dos orçamentos estaduais. Decidiram pressionar o Senado para que aprove (como já ocorreu na Câmara) o projeto Aldo Arantes - que garante o direito à existência dos grêmios como entidades livres e representativas dos estudantes nas escolas. E levantou como reivindicação a presença dos estudantes secundaristas no Conselho Federal de Educação, nos Conselhos Estaduais e nos Conselhos das escolas. O congresso decidiu ainda, que a UBES deverá promover um seminário nacional para detalhar a proposta de escola que os estudantes defendem.



Selma, 21 anos, será a segunda mulher a presidir a UBES

Moradores da Transamazônica em Brasília

Caravana com mais de 300 pessoas partiu de Altamira, Pará, com destino a Brasília para reivindicar apoio ao Projeto Pacal na Transamazônica. A caravana saiu de Altamira no dia 5 de julho e,

enfrentando dificuldades de toda ordem - inclusive o péssimo estado de conservação da estrada - foram conversar com as autoridades federais. Durante a viagem, foi distribuída a seguinte nota à popula-

ção:

AO POVO DA TRANSAMAZÔNICA

Companheiros!

Estamos indo a Brasília exigir das autoridades o que é nosso. Somos os moradores da Transamazônica Oeste, trecho Altamira-Itaituba, área de colonização e reforma agrária. Fomos usados, enganados e explorados pelo governo através dos órgãos que atuam em nossa área (Incrá, IAA etc.). Nosso povo, cada dia que passa, está mais pobre.

Lutamos: pelo pagamento retido de vários anos de trabalho; pela construção de estradas, escolas, assistência médica, crédito subsidiado, enfim toda a estrutura básica necessária para que o povo possa produzir, que nos foi prometida e nunca cumprida.

Denunciamos a corrupção, a omissão e os desmandos criminosos que fizeram falir o projeto de colonização e dentro dele o Projeto Canavieiro Abraham Lincoln (Pacal) no km 92 da Transamazônica.

Depois de 13 anos de muito trabalho e muita luta queremos nos fazer desistir de uma vez. Não pedimos nada de graça. Produzimos e levamos amostra disso: cana de açúcar, cacau, pimenta, arroz, feijão, milho, banana, mandioca, café etc. Se a Transamazônica foi um erro ontem, abandoná-la hoje é um crime.

Não aceitamos isso e continuamos lutando e queremos apoio, queremos justiça para continuar produzindo em paz. Associação dos Fomeadores de Cana, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Prainha, Associação dos Servidores do Pacal, Professores da Transamazônica Oeste." (da sucursal)

Bancários cearenses elegem Chapa 1 e reforçam a unidade

Com mais de 800 votos de diferença, a chapa 1 - Unidade e Luta - venceu as eleições do dia 3 de julho para a renovação do Sindicato dos Bancários do Ceará. Esta vitória tem um grande significado não só para a categoria como para o conjunto do movimento sindical cearense, devido ao peso deste sindicato no Estado.

Nestas eleições se bateram duas concepções totalmente diversas, tanto no que toca à política geral, como no que se refere às gestões do movimento sindical. De um lado se colocou a chapa 2 - oposição bancária - claramente vinculada ao PT, e que defendia a filiação do sindicato à CUT e se caracterizou por minimizar as mudanças ocorridas no país e denegrir as vitórias alcançadas pelos bancários. Chegaram até a negar a justiça da última greve decretada pela categoria durante a campanha salarial passada.

CHAPA LIGADA AO POVO

Já a chapa 1 - Unidade e Luta - defendeu a não vinculação do Sindicato, no momento, a nenhuma das duas correntes em

que se divide o sindicalismo, Conclat/CUT, mas sim lutar pela realização de um congresso unitário com a participação de todos. Também deixou claro que não admite o atrelamento da entidade a qualquer partido político.

Além disso a chapa 1 "se identificou com os anseios de todo o povo, portanto, dos bancários, de dar sustentação ao governo da Nova República uma conquista da população - com o objetivo de promover as mudanças exigidas pela nação", conforme declarou José de Souza Júnior, membro da chapa vitoriosa.

A vitória foi tão arrasadora que os componentes da chapa 2 desistiram de antemão do segundo pleito e propuseram a sua não realização. Para Francisco Sales Calixto Rolim, chapa vencedora, "a vitória foi o reconhecimento por parte dos bancários cearenses de que a mensagem e unidade e luta prevalece e também o reconhecimento de que a diretoria que está terminando o seu mandato agiu em sintonia com a maioria". (da sucursal)

Foto Antônio Carlos Mafalda



Trabalhadores rurais querem acesso à posse da terra

Gaúchos se organizam para apoiar reforma agrária

"Em nosso 4º Congresso tivemos a felicidade de ver confirmada pelo governo a implantação da reforma agrária no país", disse Ezídio Pinheiro, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, na abertura da reunião que a entidade realizou dia 9, em apoio ao 1º Plano Nacional de Reforma Agrária.

Presentes Odacir Klein, do PMDB; deputado Vercelino Albarello, do PFL; Alceu Colares, do PDT; Olívio Dutra, do PT e Valdomiro Orso, da Federação dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul, entre outros.

Várias lideranças salientaram a necessidade de somar forças para levar adiante o programa de reforma agrária, em particular no momento em que ele tem sido bombardeado pelos latifundiários.

Edson Silva, da direção regional do PC do B, salientou "a importância de atos desse tipo, promovido pela Fetag, como condição indispensável para garantir a conquista da reforma agrária, aspiração dos trabalhadores brasileiros, em particular dos camponeses."

O representante da Frente Agrária Gaúcha, depois de fir-

Ato Nacional

No 26 de julho será comemorado em todo o país o Dia Nacional de Apoio à Reforma Agrária, com a realização de atos públicos, reuniões, passeatas e ampla divulgação da importância da participação popular para garantir a aplicação do plano de reforma agrária. Tal decisão foi aprovada na reunião da Coordenação Nacional da Conclat (Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora), realizada em Brasília, no dia 27 de junho último. A Conclat vê como de fundamental importância a participação dos trabalhadores para garantir a execução da reforma agrária.

mar seu apoio ao programa do governo, disse ser "necessário que desde já se debata a questão da posse e uso da terra, a ser explicitada na Constituinte". Todas as lideranças presentes assinaram documento elaborado pela Fetag apoiando a realização da reforma agrária. (da sucursal)

"Hora de Mudar" toma posse no DCE da UECE

Tomou posse no dia 5 de julho a nova diretoria eleita do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual do Ceará, cujo campus se estende por vários municípios do interior. Na solenidade estiveram presentes o atual reitor, todos os pró-reitores, os deputados Paes de Andrade e Manoel Arruda, muitas entidades populares e vários partidos políticos, inclusive o PC do B.

A eleição para a diretoria do DCE ocorreu nos dias 26 e 27 de junho, tendo concorrido duas chapas com posições bem distintas: "A Luta Continua", como "Hora de Mudar". O resultado final deu expressiva maioria

para a chapa "Hora de Mudar", tanto na capital como no interior, que venceu com 536 votos de vantagem.

Segundo Homero Arruda, presidente eleito, a eleição teve grande importância porque, pela primeira vez, há participação do interior na diretoria. Homero critica a política adotada pelas diretorias passadas, representada pelas propostas da chapa "A Luta Continua" que levou o DCE a um total isolamento da própria comunidade universitária. "Temos consciência de que será preciso reconstruir nossa entidade, tanto do ponto de vista político, como administrativo. Precisamos fazer isso", diz ele. (da sucursal)



Protesto na Transamazônica em 1981: exigindo atenção do governo

CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

Cabineiros lutam para impedir desconto salarial

Os cabineiros de elevadores do Rio de Janeiro estão se organizando para defender seus direitos. Eles querem barrar o desconto absurdo de 50% sobre o valor do reajuste salarial concedido a 1º de maio pelo governo federal. Exigem ainda a fiscalização nos prédios no que concerne ao funcionamento aos domingos; aumento do percentual para acima dos 5% estipulados por triênio; reajuste trimestral...

A categoria denuncia que a diretoria do Sindicato dos Cabineiros, encabeçada pelo "arqui-pelejo" Pedro Augusto Monteiro, não tem como prática convocar os associados da entidade para as assembleias. Desta articulação para barrar o desconto, surgiu um movimento para lançar os trabalhadores em elevadores na luta pelas próximas eleições que decidirão os destinos do sindicato. Nos últimos anos, a entidade só tem defendido os interesses dos patrões. (da sucursal)

Gráficos páram fábrica irregular em São Paulo

Desde o dia 16 de maio, os operários da São Paulo Editora Indústria Gráfica, na capital paulista, estão em greve contra o atraso de pagamento e por melhores condições de trabalho. A empresa tem inúmeras irregularidades: há mais de quatro anos não deposita o FGTS e mais de 30 funcionários não são registrados em carteira.

Além disso, a firma vive tentando impedir o trabalho do Sindicato dos Gráficos. Até há pouco ela ordenou ao seu segurança que impedisse a entrada na fábrica do operário Samuel Cardoso, que é diretor da entidade sindical. Mais recentemente a segurança chegou a apontar uma arma contra o sindicalista, ameaçando disparar caso ele entrasse na empresa.

A paralisação já foi julgada pelo tribunal, que por quatro votos a três julgou a greve legal e determinou o pagamento dos dias parados. Os operários estão dispostos a prosseguir o movimento até a conquista dos seus direitos. (Joacyr Paixão, diretor do Sindicato dos Gráficos)

Artesãos obtêm vitória em Belo Horizonte

Os artesões de Belo Horizonte conseguiram, pela primeira vez na sua história, uma ação efetiva contra os atravessadores e vendedores de produtos industrializados que vinham descaracterizando o trabalho da Feira de Artesanato, na praça da Liberdade. Após grande pressão, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, através de seu Departamento de Promoções Culturais Populares, efetuou a cassação do direito de exposição de 16 atravessadores que atuavam na feira.

Isto bastou para que os infratores, que durante anos ajudaram a desvirtuar a feira, comessem a fazer ameaças e pressões contra as lideranças do movimento. Apadrinhados de políticos clientelistas, eles investiram mostrando carteiras de polícia, argumentando que eram amigos do prefeito e que o movimento era coisa de "comunista".

Mas a AMA (Associação Mineira de Artesões) não se intimidou e continua levando a luta da classe adiante. O movimento conta com o apoio decidido do vereador Francisco Luciano, que também é artesão, e há muito vem participando da luta do setor. Atualmente a principal reivindicação da AMA é a regulamentação da profissão e o direito de organizar um Sindicato.

(da sucursal)

Brizola tenta jogar os cariocas contra greve nos hospitais

Os funcionários do setor de saúde do Rio de Janeiro classificaram de demagógica a atitude do governador Leonel Brizola de decretar estado de calamidade pública no Estado, devido à greve que paralisa os hospitais cariocas. O governador está tentando jogar a população contra os grevistas, provocando tumulto e desordenando todo o atendimento emergencial que vinha sendo mantido conscientemente pelos grevistas.

O estado de calamidade pública abre espaço para demissões e para contratações sem concurso. E permite a ingerência das Forças Armadas diretamente nos hospitais públicos. "Sempre é bom frizar que a verdadeira calamidade pública é a situação deplorável em que se encontram as unidades hospitalares e postos de saúde, o salário ridículo que recebem os profissionais", comenta um grevista.

BRIZOLA RADICALIZA

Os profissionais de saúde do Estado e município do Rio cumpriram, numa primeira etapa, 52 dias de greve. Exigem a realização de concurso público, efetivação dos contratados, um plano especial de cargos e vencimentos e melhores condições de trabalho.

Trabalhando em condições precárias, e colocando em risco a população do Estado, os funcionários constatavam progressivamente a falta de medicamentos, equipamentos, roupas de cama,

instrumentos cirúrgicos e a total falência da manutenção de aparelhagem hospitalar.

Durante todo o período de greve, mantiveram as rotinas para pacientes internados, o atendimento aos casos de urgência e aos pacientes tuberculosos, hansenianos, pré-natal de alto risco, prevenção do tétano e da raiva humana. Participaram da Campanha de Vacinação contra a Poliomielite, quando recolheram 150 mil assinaturas de populares que manifestaram apoio à luta. Também entidades como Famerj, Faferj, OAB, ABI, CUT, Conclat, UNE e religiosos progressistas apoiaram os grevistas.

Mas Brizola permaneceu em sua postura anti-democrática de não negociar com o funcionalismo. Demitiu grevistas, cortou pagamento de dias parados, suspendeu salários, exonerou diretores, fechou estabelecimentos de saúde ao livre trânsito de seus funcionários.

Brizola chegou a anunciar que negociaria com os trabalhadores, se a greve fosse suspensa. Os funcionários voltaram ao trabalho, mas o governador do PDT não fez nenhuma contra-proposta. Diante dessa situação o funcionalismo da área de saúde deliberou reiniciar a greve, no último dia 4. Até o momento em que encerrávamos esta edição, o impasse se mantinha no Rio.

(da sucursal)



Os 25 mil mestres decidem pôr fim à greve, que durou 60 dias

Vitória dos professores no Rio Grande do Sul

Os professores gaúchos voltaram às aulas no último dia 10, depois de 60 dias de greve. O combativo movimento grevista foi encerrado por decisão de uma assembleia, no dia 8, com a presença de 25 mil mestres.

O governador Jair Soares, que mais uma vez se mostrou avesso às reivindicações populares e que levou 12 dias para aceitar receber o comando de greve, teve que ceder das suas propostas anteriores e chegou-se a uma solução que embora não atenda às reivindicações totais dos professores, foi considerada aceitável nas condições criadas.

Os professores terão um reajuste de 20% a partir de 1º de julho (a título de abono), o piso salarial passou para Cr\$624.600, a partir de novembro será de um salário

mínimo e meio e de dois salários a partir de fevereiro de 1986. Não haverá desconto dos dias parados e os reajustes serão semestrais, de acordo com o reajuste do salário mínimo.

O movimento teve como saldo principal a grande elevação do nível de luta. Segundo Maria Gessi, do comando de greve "o magistério gaúcho deu grandes demonstrações de unidade e de mobilização, fortalecendo o movimento reivindicatório da categoria e aumentando a sua consciência".

Outro aspecto positivo da greve foi a grande integração com as reivindicações da comunidade, granjeando um apoio efetivo por parte dos círculos de pais e mestres.

(da sucursal)

Grevistas da GM são alvo de jogada suja da multinacional

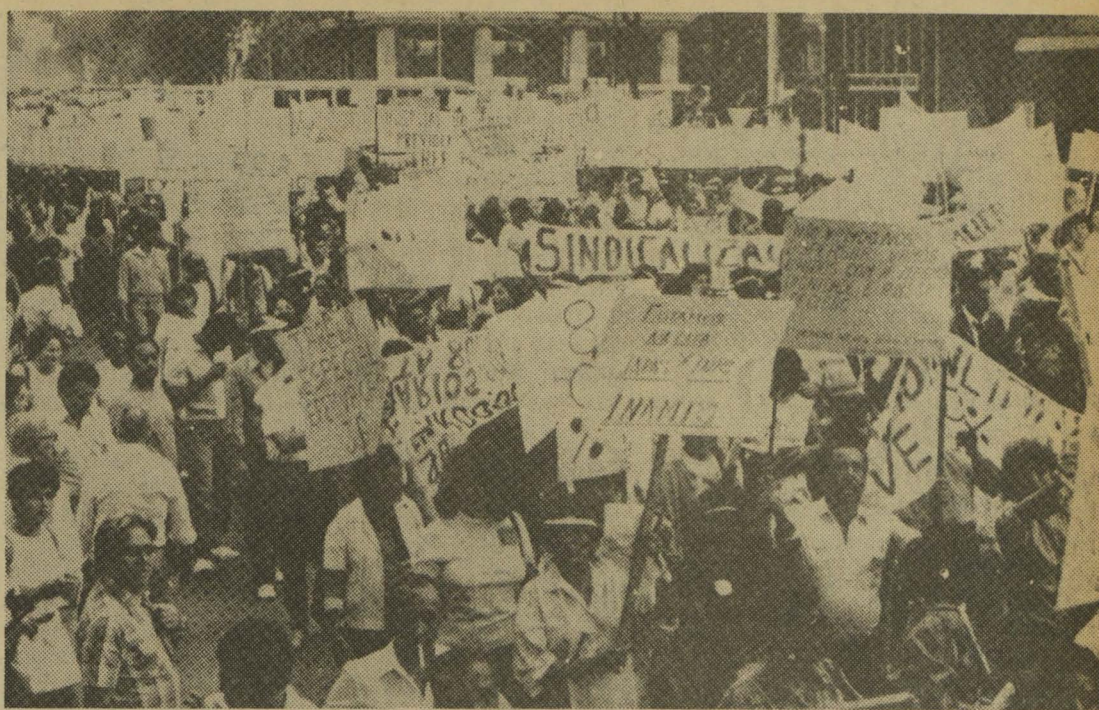
Na sexta-feira, dia 12 haverá um ato público, no Centro Sindical dos Bancários paulistas, em protesto contra arbitrária decisão de processar 33 metalúrgicos que participaram da greve e ocupação da General Motors de São José dos Campos, em abril.

Também foi constituído no município do interior paulista um comitê de apoio aos processados, que promoverá manifestações de protesto, enviará uma "carta aberta" ao governador Franco Montoro, criticando sua iniciativa de abrir o inquérito policial. O comitê foi fundado no último dia 9 numa reunião convocada pela Comissão de Justiça da Câmara Municipal de São José, que contou com a presença de várias entidades sindicais e populares e dos partidos políticos, entre eles o PC do Brasil.

JOGADA SUJA

A abertura do processo contra os 33 operários da GM tem um nítido caráter de provocação. com a multinacional tentando desestabilizar o Sindicato da categoria e desmoralizar a greve dos metalúrgicos. A empresa aproveitou-se de uma iniciativa aventureira - a tomada da firma e a detenção dos menselistas - para cumprir seu objetivo. E ainda contou com a ajuda do governador Montoro, que solicitou a abertura do inquérito, servindo de cúmplice desta jogada suja.

O caso agora está na Justiça e será julgado com base nos artigos do Código Penal. Se forem condenados, a pena prevista é de até oito anos de prisão. Para impedir esta arbitrariedade é necessário que as forças progressistas ergam a voz em protesto!



A passeata dos servidores federais em greve no Rio ganhou aplausos da população

Greve na Previdência atinge todo o país

Pela primeira vez na história os servidores federais da previdência realizaram uma greve a nível nacional para exigir aumentos de salários. A paralisação já atinge 16 Estados e a tendência é se alastrar, englobando os 230 mil previdenciários do país. A exigência principal é a extensão da gratificação de 80%, com sua incorporação aos salários.

Em São Paulo o movimento paredista, iniciado na quarta-feira atingiu vários postos do Inamps, INPS e lapas na Grande São Paulo e começou a se estender para as cidades do interior. Já no Rio de Janeiro, onde a greve estourou no último dia 3, mais de 60 mil previdenciários estão parados, realizando reuniões e manifestações nos locais de trabalho. Na quarta-feira, dia 10, mais de 3 mil grevistas realizaram passeata pelo centro carioca, conquistando enorme apoio da população. Em todos os estabelecimentos paralisados os grevistas têm mantido o atendimento aos casos de emergência.

Há mais de dois meses que as entidades sindicais dos previdenciários vem tentando negociar com o Ministério da Previdência Social. Como não obtiveram nenhuma resposta positiva, resolveram iniciar o movimento grevista nacional, sob um comando único. A principal exigência dos servidores públicos federais é a extensão da gratificação de 80%, que foi concedida no governo Figueiredo aos

médicos e odontólogos, marginalizando o restante do funcionalismo - cerca de 70% do total.

Os servidores federais foram duramente arrotados durante os governos militares e atualmente recebem salários de fome. Cerca de 14 categorias funcionais ganham apenas Cr\$ 337 mil por mês. O grosso do funcionalismo recebe em torno de Cr\$ 460 mil, "é ainda o Figueiredo nos marginalizou da última gratificação", comenta Monica Nogueira, diretora da União Nacional dos Servidores Públicos.

POSTURA DO MINISTRO

Para reverter esta situação de miséria, os grevistas estão reivindicando os 80%, mas exigem que seja incorporado aos salários. "Queremos acabar com esta política de gratificação. Da mesma forma que eles dão, eles tiram, e nós vivemos numa grande insegurança", explica a dirigente sindical. Além disso, os previdenciários reivindicaram o aumento de 12 referências para todo o funcionalismo e a ofi-

cialização da jornada de trabalho em 30 horas semanais.

O ministro da Previdência, Waldir Pires, apesar de reconhecer publicamente a justiça das reivindicações e ter defendido o direito de greve do funcionalismo, afirmou que o governo não tem condições para arcar com o reajuste salarial. Para ele, os 80% de gratificação dados aos médicos e dentistas pelo general Figueiredo "foi uma bomba de efeito retardado preparado pelo governo anterior" para dificultar a administração da Nova República.

Já num outro momento, o ministro afirmou que "a greve no setor serve ao retrocesso", o que gerou grande indignação nas lideranças grevistas. "O próprio ministro reconheceu publicamente o nosso direito de manifestação. O que nós estamos fazendo é simplesmente manifestar o nosso descontentamento com os salários. A greve não é para desestabilizar a Nova República. Seu único objetivo é conquistar melhores salários, é não morrer de fome. Na Velha República, no regime militar, não havia diálogo. Esperamos que agora as portas estejam abertas às negociações e que não haja nenhuma forma de represália", conclui Monica Nogueira.



Assembleia dos trabalhadores do Metrô: a participação na campanha sempre foi massiva

Encerrada a exemplar campanha dos metroviários

Finalmente foi encerrada a campanha salarial dos metroviários. Em assembleia geral realizada no último dia 4, a categoria aprovou uma proposta de acordo saída das negociações com o governo que permitiu fechar o acordo de maio. Entre outras coisas, o Metrô concordou em pagar mensalmente, a título de bonificação, o valor de 2% do salário nominal para todos os empregados que teriam direito ao quinquênio em 1º de maio.

Outra conquista foi o pagamento de 100% de adicional de horas extras depois realizadas as duas primeiras reduções da jornada de trabalho (42,5 horas para GMT e 6 horas para a São Negra, Centrais de Informação do TRT e Centro de Controle Operacional), o

que vai ocorrer dentro de um prazo de 90 dias. A empresa não desistiu, contudo, de recorrer à Justiça contra a sentença do TRT, mas não promoverá "retalizações" nem perseguirá os trabalhadores por causa do movimento reivindicatório.

José Carlos de Souza Silva, o JC, diretor do Sindicato dos Metroviários, ressaltou que "a categoria saiu vitoriosa, tendo feito o melhor acordo dos últimos anos". Atribuiu o resultado "à união e combatividade demonstrada em todos os momentos da luta pelos trabalhadores, cabendo salientar a greve de 10 minutos realizada na final da campanha".

Uma particularidade do movimento dos metroviários foi a direção imprimida pelos trabalhadores, caracterizada não por uma po-

tica míope de tentar desestabilizar o governo Montoro, mas sem, por outro lado, subordinar os interesses da categoria ao Estado. "Agimos com firmeza na defesa de nossas justas reivindicações" afirmou JC.

"Um setor do governo quis impor a radicalização a qualquer custo para justificar retaliações, mas não caímos nesta armadilha", acrescentou. "Nós também sabemos pesar as reivindicações e entender, por exemplo, em relação à exigência da trimestralidade e redução da jornada, que são direitos cuja obtenção passa pela luta mais geral de todos os trabalhadores brasileiros. A categoria também não voltou a sua luta contra a Nova República. Até os avanços como um passo favorável à luta dos trabalhadores", concluiu.

Leia e assine a
**Tribuna
Operária**

Diretas para reitor, um anseio dos universitários

Através de eleições diretas, realizadas nos dias 26 e 27 de junho, a comunidade universitária da Universidade Federal de Santa Maria elegeu seu novo Reitor: o professor Gilberto Aquino Benetti. O processo eleitoral foi marcado por acirrada discussão acerca dos problemas mais sentidos dentro da Universidade, tais como democratização, autonomia, qualidade do ensino etc. O prof. Benetti recebeu 36,7% dos votos, consagrando-se assim o mais votado

no voto proporcional também no voto universal. Concorreram ainda outros 3 candidatos: o prof. Tabajara apoiado por setores conservadores do PMDB e pelo MR-8, somando 26,78% da votação; o prof. Zé Fernandes apoiado pelo PT-PDT, setores da Igreja e demais forças interessadas em desestabilizar a Nova República só obteve 16,9% dos votos, ficando em 3º lugar. Por último, o Prof. Rocha obteve a votação de 4,12%.

O DCE, a APUSM (Associação dos Professores Universitários) e a ABS (Associação dos Servidores) representando a comunidade universitária encaminham a eleição, que obteve massiva participação da comunidade (81,6%) do total de votantes), a despeito do atual reitor, Armando Valandro, que não reconhece o processo. A corrente Viração cumpriu destacado papel na candidatura Benetti, por entender que o mesmo representa as idéias

mais progressistas. Com posicionamento de apoio crítico frente à Nova República defendeu, entre outras propostas, a imediata aplicação da emenda João Calmon, o fim dos aparatos repressivos. No âmbito nacional vê necessidade de uma assembleia constituinte livre e soberana e a suspensão do pagamento da dívida externa. Neste momento, torna-se necessário somar esforços para garantir a continuidade do processo com a posse do novo reitor, respeitando o grande anseio por mudanças expressado pela comunidade que soube isolar os grupos oportunistas, preocupados tão somente com seus interesses próprios e que na prática fizeram o jogo dos malufistas, hoje encastelados na Reitoria. A eleição do Prof. Benetti extrapola o âmbito da UFSM, pois demonstra enfaticamente o anseio democrático da participação da comunidade na escolha dos seus dirigentes, sem listas sextuplas. Cabe, agora, ao Ministro da Educação e ao Presidente José Sarney, respeitar este sentimento democrático, referendando o nome do candidato escolhido. (Amigos da TO em Santa Maria, Rio Grande do Sul)



O Mappin cresce às custas da exploração dos comerciários

O Mappin é uma das maiores lojas de departamentos da América do Sul. Mas ganha somente Cr\$ 300 mil líquidos. Há quem ganhe até Cr\$ 200 mil, dependendo da seção em que trabalha e da forma de pagamento do salário: fixo, comissão ou fixo mais comissão.

Uma empregada da seção de roupas vende cerca de Cr\$ 100 milhões mensais. Mas ganha somente Cr\$ 300 mil líquidos. Há quem ganhe até Cr\$ 200 mil, dependendo da seção em que trabalha e da forma de pagamento do salário: fixo, comissão ou fixo mais comissão.

Roubo de horas extras é prática normal da empresa. "Em setembro, época de liquidação, quando o movimento aumenta, cheguei a fazer 28 horas extras aos sábados, mas recebi só Cr\$ 8 mil" diz uma auxiliar de cobrança, que já foi vendedora. Além disso, aos domingos, os vendedores são obrigados a etiquetar as mercadorias, sem receber as horas extras. Nós, funcionários, tam-



bém não temos nenhum desconto ao fazer compras na loja. Pagamos o mesmo que qualquer cliente. E o Mappin continua crescendo às custas de nosso trabalho.

Voltado para uma clientela de menor renda, começou a investir na busca de fregueses de maior poder aquisitivo. Abriu uma loja nos jardins e outra, gigantesca,

no Itaim. Esta última ostenta uma luxuosa fachada de granito e tem quase o tamanho de um shopping center. (Comerciários do Mappin-São Paulo, SP)

Repudiamos os fascistas de Maracanan

Manifestamos o nosso repúdio à atitude retrógrada de um bando fascista e fanático que ainda vive nos marcos da Velha República. Fazem parte do bando, entre outros, o pastor Aloísio Maciel e seu presbitério, juntamente com Enéas, Wal-mom, Teodora, Dalice e Maria Cabral. Na noite de 22 de maio eles incitaram os participantes de uma reunião na Escola de 1º e 2º Graus Presidente Kennedy, situada em Maracanan, Pará, a linchar o sr. José Luiz Souza, presidente da Associação de Moradores da cidade, homem íntegro e querido, conhecido também em cidades vizinhas e bastante procurado pela popu-

lação carente por ser proprietário de uma farmácia e fornecer assistência a uma população carente e atendimento médico-hospitalar.

Vendo a necessidade do povo se reunir, discutir os graves problemas que enfrenta e encaminhá-los de forma organizada para as autoridades solucioná-los, resolveu juntamente com outros moradores fundar a entidade que, com poucos meses de existência já conta com mais de 500 associados e é apoiada pelo prefeito, tendo grande prestígio.

Recentemente os filhos de José Luis, que estudam na escola Kennedy juntaram-se a mais outros estudantes e,

com o consentimento da diretora Ana Botelho discutiam a criação do Centro Cívico.

Trata-se, enfim, de um grupo de pessoas progressistas, que almejam mudanças em profundidade na sociedade e que vêm conquistando prestígio, apoio e respeito da população e das autoridades locais como o prefeito Raimundo Queiroz de Miranda, Raimundo Carrera e outras. Os fascistas começaram a tachar o pessoal de comunista apresentando como prova o nosso jornal, que é lido pelo sr. Gonzales.

A tentativa de linchamento só não se realizou devido à ação enérgica do prefeito,

que defendeu o jornal como leitor assíduo do mesmo e compreendendo que ele defende a maioria da população.

O sr. José Luiz foi obrigado a vir para Belém requerer das autoridades competentes punição aos incitadores, que prometeram depredar seu estabelecimento comercial. Ele tem recebido apoio e solidariedade da população que exige sua presença na cidade pelos serviços que vem prestando. O secretário de segurança pública prometeu nomear uma junta de delegados e inspetores para instaurar inquérito e punir os culpados. (Amigos da TO - Belém, Pará)

Moenda, uma devoradora de lavradores

Olho a fila indiana de caminhões repletos de cana com o maior desinteresse. Há anos vejo a mesma cena. Regresso à usina, ao mar de canas junto à moenda range-deira, à chaminé que escraviza, que tinge o céu com sua cor negra sufocante. As vezes chego a pensar que o

brasileiro se nutre de cana esmagada. Fico a imaginar meu imenso continente coberto de cana formando um enorme mar verde que alimentará somente os cofres daqueles que têm; assim como o nosso destino. Vejo a sacrose minar a riqueza do solo da nossa

terra. No pátio, no quintal do monstro, vi as moléculas do bagaço vagar tênue sobre nosso céu, feito de vapor e carvão, agitando-se em sua dança sentindo-se o rei dos ares. Do outro lado, vejo os homens correndo como formigas de um lado para o outro, com os olhos lacrime-

jantes, com as faces ardentes, parecendo lutar contra inimigos invisíveis. Ouvindo o barulho infernal da moenda compreendi que ela não devora apenas cana mas é, por excelência, uma grande devoradora de homens, de idéias e de ideais. (Tarso - Aracatuba, SP)



Viúvas de marido vivo do Vale do rio Jequitinhonha

É grave a situação em que vivem os trabalhadores do vale do Jequitinhonha e de outras regiões, que vão para as usinas no Estado de São Paulo. Tivemos a oportunidade de conversar com alguns trabalhadores da usina Agropecuária Jequitibá S/A, fazenda Martinópolis - Serrana-São Paulo: Manoel Gonçalves Batista, Antônio da Silva Santos e Leopoldo Gomes Soares que trabalhou nesta mesma usina. Assim que chegam os ônibus, os chefes procuram pegar as carteiras de todos os trabalhadores para ficar e fazer exame médico. Mas o lavrador só recebe a sua carteira no caso de ser mandado embora ou quando pede demissão. Fora daí a carteira de trabalho fica no escritório. Prova disto é que encontrei dois companheiros que viajaram para Minas Novas, que trouxeram simplesmente uma carteira da esposa que contém o nome da firma, seu nome, número de turma e número de chapa. A gente vê, quando eles vêm procurar os trabalhadores, eles oferecem muitas vantagens, mas quando lá é totalmente diferente. Em Minas Novas, houve dois encontros de migrantes, para debater as injustiças que sofrem os bóias-frias, que vão para o corte de cana em São Paulo. Nesse aspecto, ainda não conseguimos convencê-los a não ir, mas procuramos garantir que conheçam bem seus direitos. Descobrimos muitas injustiças contra os

trabalhadores, que o ministro do Trabalho, precisa regularizar. É caso mesmo desta usina Serrana "Agropecuária Jequitibá" que retém as carteiras dos trabalhadores, dando-lhes uma carteirinha que só tem valor dentro do estabelecimento. Sendo que a empresa é obrigada a assinar a carteira de cada trabalhador dentro de 48 horas. Segundo as informações, nesta usina trabalha em uma média de 114 pessoas, com os seguintes problemas: alojamento irregular, a alimentação na cantina custa Cr\$ 150 mil, a carteira de trabalho fica no escritório, falta transporte, o caminhão carregava duas turmas de 110 pessoas, só por haver pressões é que colocou caminhões com banco, os feriados não são respeitados, a empresa não fornece vale para os trabalhadores, banheiro péssimo, falta água para tomar banho. Se alguém quiser tomar banho rápido tem de ir tomar no brejo (lagôa) dizendo que falta força elétrica. Quando se fala de sindicato os patrões não gostam. Quando o sindicato fala que vai visitar a fazenda eles arrumam direito os banheiros, ajeitam as camas etc. É tal situação que leva os migrantes a saírem do Vale para ganhar pão que sustenta a família. As esposas são "viúvas de marido vivo". São as mulheres que vivem no Vale cuidando das lavouras. (Funcionário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Minas Novas, MG)

Em Santa Maria, Rio Grande do Sul, alunos, professores e funcionários elegeram diretamente seu reitor, o professor Gilberto Aquino Benetti. Concretizou-se, assim, um anseio da comunidade universitária da UFSM, que se repete em todo o Brasil. Resta agora que o presidente José Sarney dê posse ao novo reitor, dando provas de que a Nova República conquistou espaço também na universidade brasileira, que necessita de democracia e melhor qualidade de ensino. (Olívia Rangel)



fala o POVO

Precisamos dar apoio à reforma agrária

Tancredo está presente. Ele nos diz: "Não vamos nos dispersar, continuemos unidos". Ele sabia que desunidos não chegaríamos a lugar algum. Por isso devemos nos unir, como ocorreu na campanha das diretas já, como se fosse uma vigília cívica, se for preciso até paralisações em protesto aos latifundiários que querem sequestrar e matar o ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, e o presidente do Incra, José Gomes.

Temos que dar todo apoio ao presidente José Sarney para prosseguir nesta luta e evitar que os latifundiários contratem capangas para matá-los, pois se isso

acontecer e o povo não estiver unido vamos ter que agüentar outros vinte e tantos anos de regime militar com ditadura e tudo o mais. E aí só deus sabe como vamos sair do cativeiro.

Esta luta não é só dos lavradores. Não podemos esquecer que é por causa do êxodo rural que se amontoam os desempregados nas cidades, dando assim condições ao capitalismo de utilizar mão-de-obra barata, para não dizer de graça, aumentando assim a fome e a miséria daqueles que precisam trabalhar para viver. (Amigo da TO - Caraguatuba, São Paulo)

Corremos risco de despejo

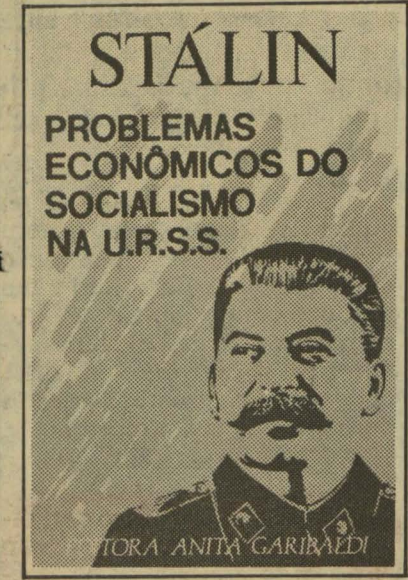
Os moradores do Km-1 da estrada de Bragança, são posseiros de uma área que fica em frente ao terminal rodoviário de Capanema. A maioria vive lá há mais de dez anos, sendo que o mais recente está há quatro anos. Como se não bastassem os problemas das precárias condições de moradia, a lama e as doações que, com a fome, matam nossos filhos, estamos, há algum tempo sofrendo outro tipo de pressão: é a ameaça de despejo. O fazendeiro Rasan de Queiroz Rios comprou a área de terra que fica nos fundos de nossa casa. A área é toda cercada, porém com o fio dos pobres e com a intenção de aumentar sua fazenda, ele entrou com um processo na justiça para nos despejar. Por outro lado o DER - Departamento de Estradas de Rodagem do Pará - resolveu fazer o jogo do fazendeiro, e também deu

entrada na justiça para nos despejar. O estranho é que nossas casas nem ficam na terra do Sr. Rasan, nem nos limites dos 15 metros estabelecidos pelo DER. Então estamos solicitando às autoridades, principalmente ao Governador do Estado, que nos assegure o direito de morar e apure a intenção do processo que o DER moveu contra nós com o objetivo de favorecer o fazendeiro Rasan.

No último domingo recebemos a visita do Deputado Estadual Paulo Fonteles que se prontificou a nos ajudar nesta luta. Esperamos que a Nova República venha acabar a estes abusos de latifundiários e de pessoas que ocupam cargos públicos contra os interesses da coletividade. (Grupo de moradores do Km-1 da Estrada de Bragança, Capanema)

Fundação Maurício Graboys

Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário







- Marx e Engels**
Sobre literatura e arte - 15.400
Ideologia alemã - 15.000
Obras escolhidas - 3 volumes - cada um 30.000
A Comuna de Paris - 10.000
Manifesto Comunista - 6.000
- Marx**
Salário, preço e lucro - 8.000
Liberdade de imprensa - 14.000
A origem do capital - 20.200
Formações econômicas pré-capitalistas - 13.000
- Engels**
Dialética da natureza - 20.900
Anti-Dühring - 21.000
Origem da família, da propriedade privada e do Estado - 29.000
O papel do trabalho na transformação do macaco em homem - 6.000
A questão da habitação - 10.000
- Lênin**
Esquerdismo, doença infantil do comunismo - 20.000
Imperialismo, fase superior do capitalismo - 17.900
O trabalho do Partido entre as massas - 10.000
O programa agrário - 10.000
O estado e a revolução - 19.000
As 3 fontes e as partes constitutivas do marxismo - 11.500
Teses de abril - 5.500
- Stálin**
Fundamentos do leninismo - 10.000
O marxismo e o problema nacional e colonial - 10.000
Problemas econômicos do socialismo - 10.000
- João Amazonas**
Socialismo, ideal da classe operária - 5.000
O revisionismo chinês de Mao Tsetung - 5.000
O trotsquismo, corrente política contra-revolucionária - 1.000
- Enver Hoxha**
Eurocomunismo é Anticomunismo - 10.000
Reflexões sobre China - 2 volumes - cada um - 10.000
Discurso aos eleitores - 1.500
Relatório ao 8º Congresso do PTA - 3.000
História do Partido do Trabalho da Albânia - 15.000
- Outros autores**
Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher - Luísa Moraes - 5.000
História da riqueza do homem - Léo Hubermann - 28.000
A questão agrária - Kautsky - 14.200
Princípios fundamentais do marxismo - Plekhanov - 12.500
Marx, o homem, o pensador e o revolucionário - 20.200
Itinerário de lutas do PC do Brasil - Haroldo Lima - 3.000
O Brasil do ponto de vista popular - 5.000
História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS - 2º fascículo - 5.000
Socialismo na Albânia - Jaime Sautchuk - 21.000
História da Ação Popular - Haroldo Lima e Aldo Arantes - 21.000
Pela poesia do povo - Antônio Casemiro - 5.000
Revista Princípios - números atrasados - 4,6,7,9. Preço do exemplar - 6.000
Revista Princípios nº 10 - 6.000
Assinatura anual com direito a 4 números - 22.000

Pedidos à Editora Anita Garibaldi, av. Brig. Luís Antônio, 317, sala 43, CEP 01317, fone 34-0689. Atendemos pelo reembolso postal pedidos com valor superior a Cr\$ 20.000, através de cheque nominal ou vale postal, sem limite de valor.

Filme americano domina a televisão brasileira

Um público calculado em 18 milhões de pessoas assistiu, diariamente na Globo, os filmes brasileiros do Festival Nacional. Um público nunca alcançado por nenhum filme nas salas de cinema. Um dos raros momentos em que a produção nacional conseguiu furar o monopólio quase que exclusivo da produção norte-americana na programação de filmes na tevê.

A televisão seria uma alternativa democrática de acesso aos filmes produzidos no país. Principalmente agora que a crise econômica e os preços exorbitantes das salas de exibição afastam o público dos cinemas. Basta saber que, em 1980, foram vendidos 220 milhões de ingressos nos cinemas, contra 86 milhões no ano passado... Em consequência, só neste ano de 1985, 75 salas de exibição foram fechadas!

Diante desse quadro, não há dúvida de que ocupar espaço nas programações das emissoras de tevê seria uma alternativa para os cineastas. Mas também nesse campo encontram no monopólio americano a mesma barreira que enfrentam nas programações das salas de exibição.

E o monopólio ianque na programação de filmes para a tevê é gritante: dos 284 fil-



Com o festival Nacional, filmes como Zumbi (foto) tiveram vez na programação da tevê

mes exibidos em 52 dias nas seis emissoras instaladas em São Paulo, 224 eram norte-americanos (98,2%), e apenas seis eram nacionais (os restantes eram provenientes da Itália, França, Hong Kong, Inglaterra, Austrália, Rússia, Argélia e Israel). Não estão incluídos neste levantamento os seriados, apenas os longa-metragens.

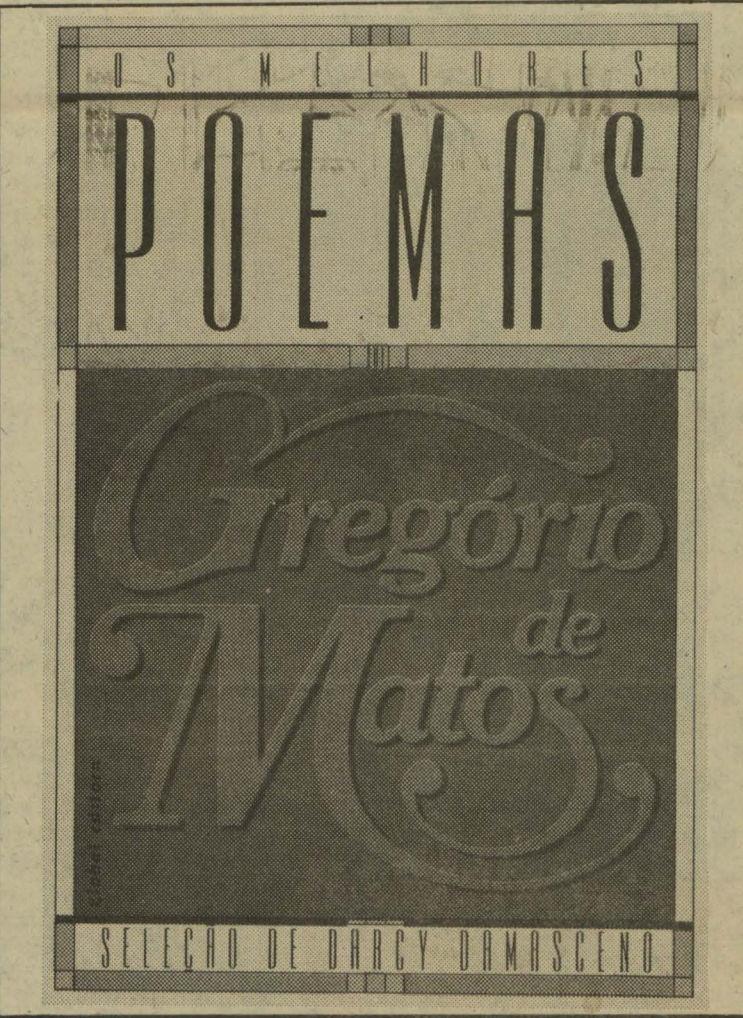
No caso da Globo, que praticamente monopoliza a audiência em todo o país, a

predominância das produções americanas é ainda maior. A não ser durante as férias, quando exibe a série dos Trapalhões, ou em programações especiais, como o recente Festival Nacional, os filmes brasileiros são praticamente banidos da Globo. E mesmo películas de outras nacionalidades, que não dos EUA, dificilmente encontram espaço na rede de Roberto Marinho, ligada ao grupo Time-Life, norte-americano.

Medidas que protegem a produção nacional - como a obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros 140 dias por ano nas salas de projeção - ainda não chegaram à tevê. Com a conquista de maior espaço democrático em nossa sociedade, impõe-se o debate sobre medidas que deem alento à produção cinematográfica nacional, inclusive a ocupação de um maior espaço na programação televisiva.

(Carlos Pompe)

Poesia eterna de Gregório de Matos



"Eu sou aquele que os passados anos cantei na minha lira maldizente torpezas do Brasil, vícios e enganos". O autor dessa frase, Gregório de Matos, foi chamado de "Boca do Inferno", no século XVII. O poeta está agora sendo reeditado pela Global, na coleção Os Melhores Poemas, em seleção de Darcy Damasceno. Sem nunca ter um só livro publicado em vida, o "Boca do Inferno" conseguiu fama nos contatos diretos com o povo. Segundo José Aderaldo Castello, ele "usou com frequência uma linguagem livre, ferina, agressiva, com vocábulos às vezes de baixo calão... Retratando ou fazendo a caricatura, cheia de mordacidade, de indivíduos e figurões de sua época".

"Querem-me aqui todos mal, e eu quero mal a todos; eles, e eu, por nossos modos nos pagamos tal por tal. E querendo eu mal a quantos me têm ódio tão veemente, o meu ódio é mais valente, pois eu sou só, e eles são tantos", cantou o poeta. Satírico, escreveu "aos missio-

nários em ocasião que corriam a Via Sacra": "Via de perfeição é a Sacra Via, via do céu, caminho da verdade, mas ir ao céu com tal publicidade, mais que virtude o boto à hipocrisia". Assim como Castro Alves, seus protestos continuam válidos em nossos dias: "É tempo agora pra quem sonha a glória. E a luta... e a luta, essa fatal fornalha, onde referve o bronze das estátuas, que a mão dos séculos no futuro talha..." (do poema Adeus, meu Canto). Gregório de Matos é o 12º autor incluído na coleção Melhores Poemas, dirigida pela escritora Edla Van Steen. Castro Alves, Luís de Camões, Mário Faustino, Tomaz Antônio Gonzaga, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e Fernando Pessoa também já tiveram suas obras na coleção. Sem censura, a poesia revive. O poeta escreve a história com sentimento. Ao povo cabe o direito de conhecer seus poetas, seus porta-vozes de todos os tempos e de todas as formas. (Myrian Caseiro)

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011).
Telex: 01132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Jofilly, Olivia Rangel.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinnati Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000.
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.
Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100.
Itabuna: do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1 - Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - CEP 46000. Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500.
Salvador: Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cinesa) - CEP 43700.
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.
CEARA - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de

Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.
GOIÁS - Goiânia: Rua 3, nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000.
Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100.
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000.
MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.
PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100.
PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428 - Fone: 234-7484 - CEP 80000. Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.
PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144-M, 1º andar, sala 4 - CEP 64000.
PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigarista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andaraes, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000. Caxias

do Sul: Rua Dal Cannale, 1891, 2º andar, fundos - CEP 95100. Pelotas: Rua Andrada Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1225, sala 20, Aberto depois das 18 horas - Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 90000. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200.
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Alvaro Alvim, 31, sala 1801 - Cinelândia - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedroza, 33, sala 319 - CEP 26000.
SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.
SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravá, 448 - Fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 2, 2º andar - CEP 12200.
SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco, Edifício Oviedo Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up e montagem, Utiara. Fone: 279-3946. Imprensa, Cia. Editora Jorale. Fone: 815-4999 - SÃO PAULO - SP

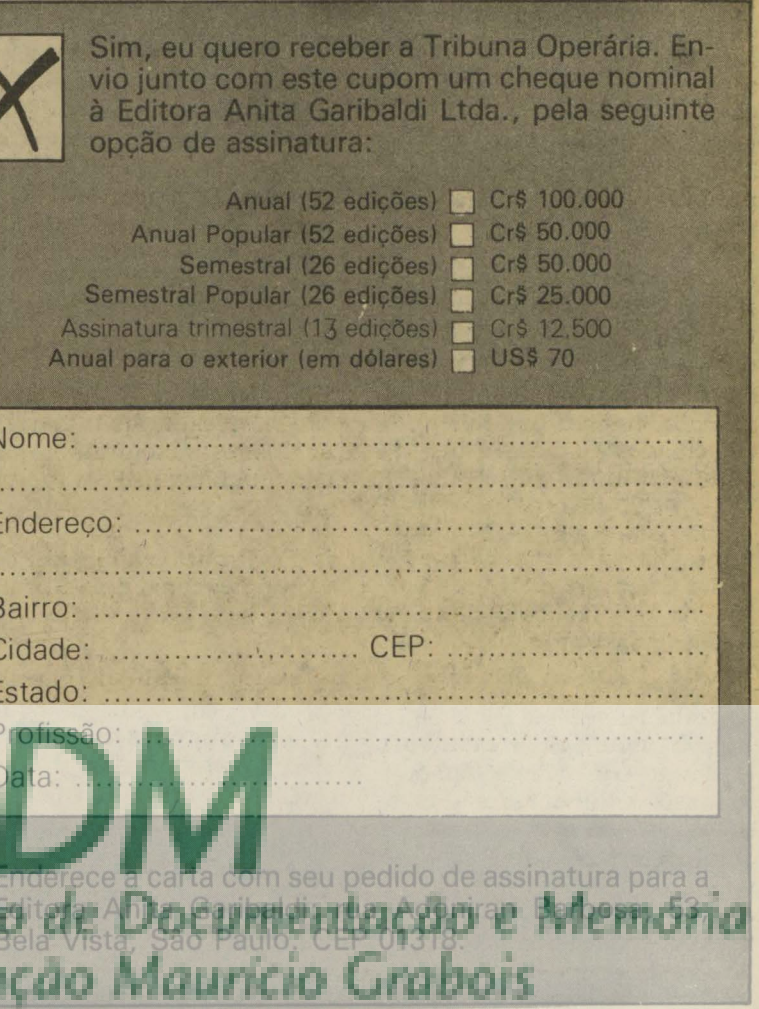


Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições)	☐	Cr\$ 100.000
Anual Popular (52 edições)	☐	Cr\$ 50.000
Semestral (26 edições)	☐	Cr\$ 50.000
Semestral Popular (26 edições)	☐	Cr\$ 25.000
Assinatura trimestral (13 edições)	☐	Cr\$ 12.500
Anual para o exterior (em dólares)	☐	US\$ 70

Nome:
Endereço:
Bairro:
Cidade: CEP:
Estado:
Profissão:
Data:

Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore com a Campanha Nova República da T. Fundação Maurício Grabois



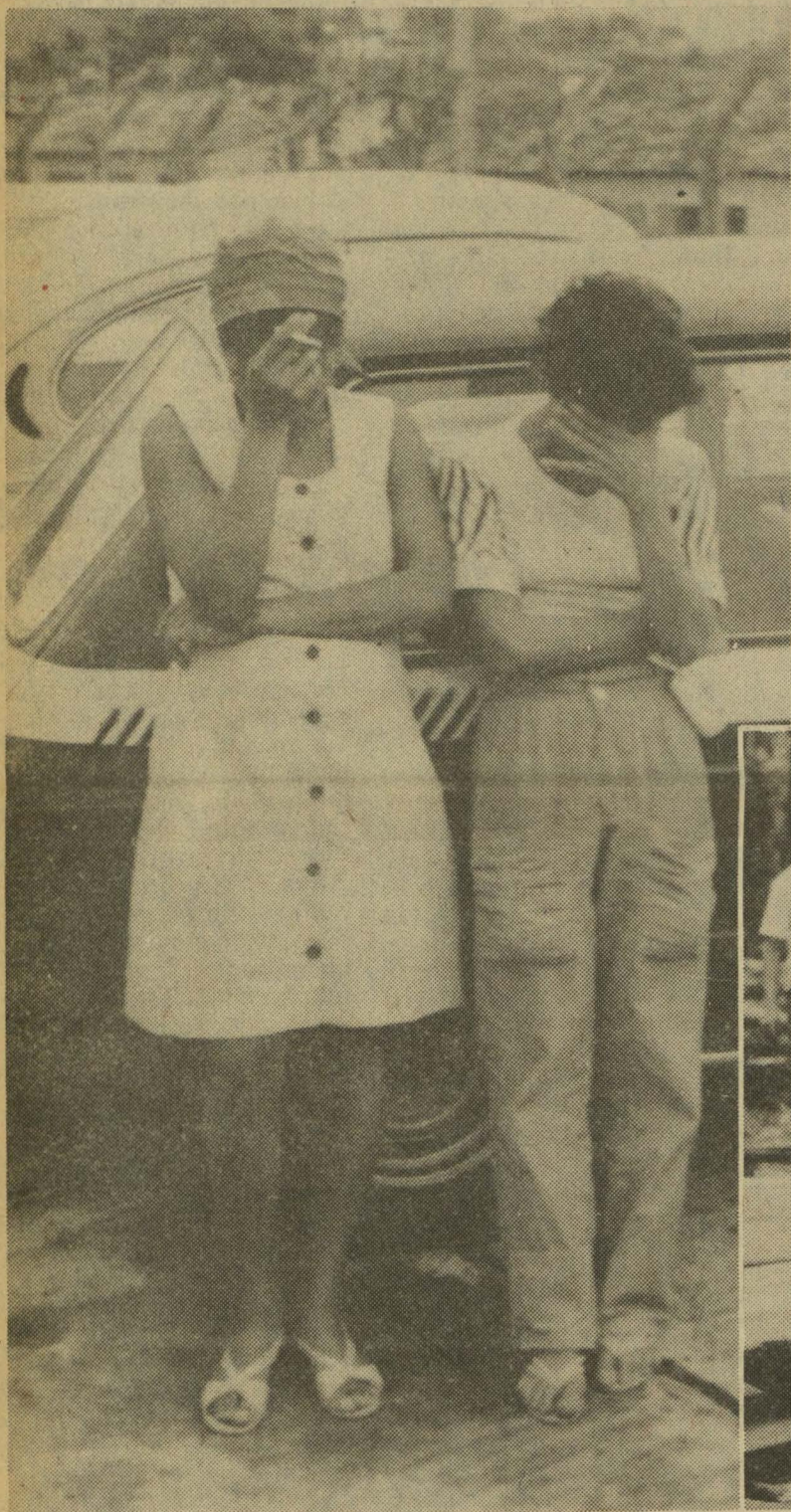
Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Fundação Maurício Grabois, Centro de Documentação e Memória, Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo - CEP 01318.



Raimundo Alves dos Santos, o Raimundão, tentou fugir quando escutou os gritos dos pistoleiros, mas foi alcançado por uma bala nas costas

Terror e morte no Sarampo

Desde o dia 1º de julho um bando formado por 20 pistoleiros está espalhando morte e terror na área conhecida como Fazenda Sarampo, na Bahia. Já foram assassinados seis posseiros. Os jagunços foram contratados por latifundiários e grileiros do sul da Bahia, que arrecadaram Cr\$ 200 milhões pra comprar armas e pagar os serviços criminosos dos assassinos de aluguel.



Na madrugada do dia 2, Sarampo foi invadida por 20 pistoleiros fortemente armados. Posseiros foram despertados com berros: "Não se mexe ninguém, tropa de vagabundos!" Tentaram correr. Não houve tempo. João Batista foi o primeiro a tombar, varado de balas. Mineiro foi o segundo. José Cardoso Alves Filho foi atingido por uma bala no olho, e não chegou a concluir sua denúncia: "Eu morri porque..." Raimundo Alves dos Santos foi alcançado por uma bala nas costas, quando fugia. É o que conta o posseiro Jorge Mota que, junto com José Amândio, conseguiu escapar à chacina.

A impunidade com que latifundiários e pistoleiros atuam levou os lavradores da região a se armarem - inclusive mataram alguns jagunços. Por isso, a única surpresa no ataque do dia 2 foi o horário - 4 da manhã.

Os posseiros sabiam que estavam para ser atacados, e muniram-se de suas espingardas de caça. Um bilhete encon-

A esposa e a irmã de Raimundão choram a morte do posseiro; José Amândio conseguiu escapar

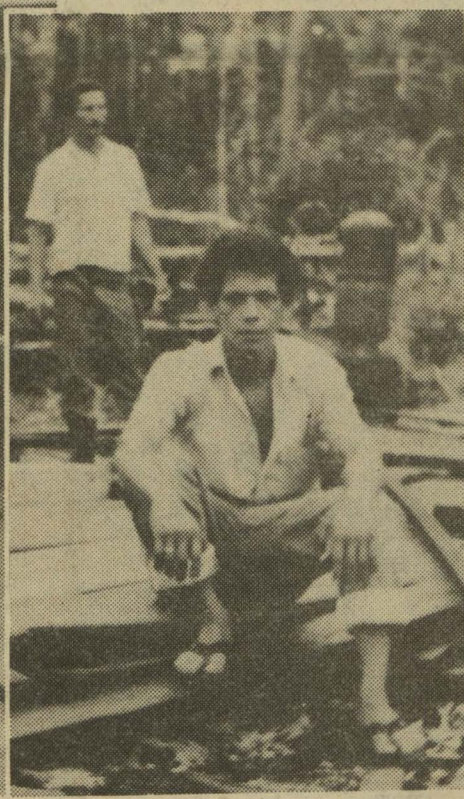


Foto Vital Bento

trado numa camisa manchada de sangue dizia: "Deli está chegando no Sarampo. Tenha muito cuidado. Procure encontrar comigo o mais breve possível." O autor do recado não foi identificado. Deli Dias dos Santos - referido no bilhete - é um grileiro. Ele é acusado por outras três mortes de lavradores.

Dois dias antes do ataque, pistoleiros seqüestraram e amarraram os posseiros Joaquim Dias Terra, 60 anos, e seu filho Célio, que moram a 300 metros do local do tiroteio. Os dois trabalhadores foram entregues ao delegado José Antônio da Silva, que os prendeu. O delegado é protegido dos chefes políticos do PDS na área, e acoberta a ação de pistoleiros - no dia da chacina, providencialmente ele não estava na cidade... Também integrantes da Polícia Militar, como o soldado Trajano (chamado de Índio) e o soldado Raimundo Pinheiro (que morreu em Sarampo) estão envolvidos com os criminosos.

Os posseiros estão recebendo apoio e solidariedade. A advogada do Polo Sindical Sul, Fátima Freire, deu assessoria aos sobreviventes Jorge de Souza e José Amadio. Os deputados Haroldo Lima (federal) e Luiz Nova (estadual) pediram aos ministros da Justiça, Fernando Lyra, e da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, a imediata desapropriação da área em conflito e a presença de uma Comissão Interministerial na região. O presidente do Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador Rural, Artur de Paula, pediu aos ministros a prisão dos pistoleiros, o desarme dos grileiros e a titulação das terras para os posseiros. Denunciou também a omissão do governo estadual diante da violência contra os trabalhadores do campo na Bahia.

No dia 4, em Canavieiras, houve uma reunião com a participação do bispo de Itabuna, dom Paulo Farias; do prefeito da cidade, Boaventura Cavalcanti; fazendeiros, posseiros, Fetag e Incra para discutir a violência e aprovar o documento "Paz na Terra", que pede a desarticulação das milícias armadas na área (veja no quadro). A Fetag, numa nota assinada por 25 entidades e sindicatos, denuncia a omissão e conivência e solicita que o governo do Estado apóie a implantação da reforma agrária. O presidente da Fetag, Aurelino da Guarda, pretende discutir o assunto diretamente com o presidente da República, José Sarney.

Pela primeira vez polícia entra em ação para atacar os pistoleiros

Nos últimos dois anos, 31 pessoas morreram na disputa pela terra em Sarampo. Mas desta vez, a primeira nos últimos tempos, a polícia entrou em ação na área, não para caçar posseiros, e sim para enfrentar os criminosos. Houve um tiroteio entre policiais e jagunços perto da fazenda de Hugo Kauffman e de Barreiras. Um pistoleiro morreu antes de tombar, ainda gritando aos policiais: "Não atirem, sou um colega de vocês, do Espírito Santo". Além deste morto, outros dois foram presos e um conseguiu escapar nesse entrevero. (Luiz Sérgio Rocha, da sucursal)

Rota do Terror na rodovia Transamazônica

Novos detalhes da carnificina de posseiros em São João do Araguaia, sul do Pará (ver TO n. 222), vêm de ser revelados num documento assinado por vários partidos e entidades locais. O texto dá conta de uma verdadeira "rota do terror" na rodovia Transamazônica, percorrida dia 13 de junho pelo sr. Edmundo Virgulino e seis pistoleiros sob seu comando.

Os episódios denunciados dão bem uma amostra da violência dos poderosos da terra, nessa área célebre por ter sido palco da Guerrilha do Araguaia e de alguns dos mais tensos conflitos fundiários do país.

A primeira escala de viagem da morte foi no quilômetro 30 da Transamazônica, por volta das 8 horas da manhã. Usando um táxi Corcel II branco, de sua propriedade, o grileiro Edmundo e seus asseclas chacinaram os lavradores João Evangelista Vilarins, 30 anos, casado e pai de dois filhos menores, e Francisco Pereira Alves, solteiro, 18 anos.

Seguindo pela rodovia, os assassinos cruzaram com o lavrador Manoel Guedes, que só saiu vivo porque um dos pistoleiros, Evandro Guedes, era seu irmão e lhe disse que corresse para não ser morto.

No rastro do Corcel branco, o cadáver de uma moça grávida de apenas 13 anos

O Corcel branco pegou então a estrada de Consulta, passando pela casa do morador Raimundo. Mais adiante, outro massacre deixava mortos Luís Carlos Ferreira de Souza, 32 anos, casado, Januário Ferreira Lima, 27 anos, e uma moça de apenas 13 anos, Francisca, grávida de quatro meses. O marido de Francisca, Adércio de Souza, está desaparecido. Os barracos das vítimas foram queimados, com todos os pertences dentro.

No mesmo dia, às 15:30 hs, outra chacina ocorria na Vila Ubá, situada no quilômetro 40 da Transamazônica. Três homens, um forte, um barbudo e outro fino, alto e branco - conforme a descrição de testemunhas - entraram na casa do trabalhador rural José Pereira da Silva, conhecido como Zé Pretinho, pai de cinco filhos, e começaram logo a atirar. Além do Zé Pretinho, morreu ali Waldemar Alves de Almeida, casado, 35 anos, quatro filhos. Waldemar da Conceição, irmão de Waldemar, que presenciou tudo e conseguiu escapar, conta que antes de morrer seu irmão conseguiu ferir de leve com um facão o pistoleiro mais forte, na mão e no ombro. Os três pistoleiros fugiram num carro marrom claro.

Na mesma hora do massacre, estava na escola de Vila Ubá um filho de Santinho, pistoleiro empregado por Edmundo e um dos ocupantes do Corcel. Ao escutar os tiros, exclamou - "Morreu Zé Pretinho" - e disse que todos os invasores das terras de Edmundo iriam morrer.

O empregado Nelson estava esperando o caminhão de leite. Levou 40 tiros

Outro testemunho, de um motorista do fazendeiro João Oscar Miranda, relata: "De madrugada, o empregado de nome Nelson Ribeiro estava esperando o caminhão de leite, no quilômetro 26 da Transamazônica. Passou um carro com pistoleiros que o assassinaram com mais de 40 tiros." Moradores de uma casa vizinha confirmaram ter escutado os tiros.

No dia 18, perto das 13 horas, novamente um Corcel II entrava numa ação homicida do latifúndio: José Romão da Rocha Filho, Manoel Ferreira Gonçalves e seu companheiro Edgardo voltavam de suas roças, pela Transamazônica, quando foram parados pelo carro, vindo de Marabá com cinco pistoleiros. Um deles bateu com a coronha do revólver em José Romão e mandou os três deitarem no chão, dizendo que iam morrer. Outro pistoleiro, moreno alto e forte por nome Sebastião, que parecia ser o chefe, disse que era para não matar mas mesmo assim os posseiros levaram lapadas de facão e um golpe aplicado com revólver.

Os signatários da denúncia lembram: "É claro e evidente que a utilização de milícias não é de hoje. Pistoleiros de aluguel andam impunemente pelas ruas centrais de Marabá. Dois advogados já foram mortos nas portas de suas casas, uma freira assassinada e um delegado sindical ferido." E concluem: "Cabe às autoridades constituídas terem a coragem de dar um basta urgentemente ao terror e à violência que imperam no sul do Pará e aplicar imediatamente a reforma agrária".

O médico legista examina os corpos de Januário (de calção) e Luís, mortos três dias antes



"Queremos reforma agrária"

O documento "Paz na Terra" assinado por Dom Paulo Lopes de Farias, bispo de Itabuna, e por 15 entidades:

Basta de tiros. Chega de mortes, queremos ouvir a voz das enxadas fecundando a terra, realizando o milagre da vida, multiplicando o pão.

Paz na terra. Não queremos chorar mortos. Queremos o sorriso da fartura tirada da terra dividida. Queremos reforma agrária.

Trabalhadores, religiosos, produtores rurais, lideranças sindicais e comunitárias, todos juntos, neste dia triste em Canavieiras, decidimos clamar a nação para refletir sobre a absurda chacina do dia 2 de julho na Fazenda Sarampo, quando sete pessoas perderam a vida.

Esperamos firmemente que providências sejam adotadas e sugerimos as seguintes medidas, absolutamente inadiáveis:

A) Presença imediata da Polícia Federal na região

para desarticular as milícias armadas;

B) Criação de uma comissão integrada por representantes dos fazendeiros e posseiros, por suas entidades, notadamente Fetag e Faeb, com a intervenção do Incra e do Interba, mediada pela Igreja, através de D. Paulo, bispo diocesano de Itabuna, para solucionar os problemas deste município;

C) Imediata discriminação e arrecadação das terras devolutas nos municípios onde hajam conflitos fundiários;

D) Pronta elaboração do Plano Nacional de Reforma Agrária;

E) Opção preferencial pela via do diálogo e da negociação para solucionar conflitos fundiários;

Sugerimos, também, que outras comissões partidárias sejam constituídas em todas as localidades onde hajam conflitos agrários.

Por fim, exigimos punição exemplar para os culpados da tragédia na esperança de que o exemplo da violência não prospere e frutifique.

Paz na terra.

Entendemos que este é um sonho possível e será construído com a participação consciente de todos os homens de boa vontade."

OMISSÃO DO GOVERNO

Trecho da nota pública do Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador Agrícola: "Todos os atentados que têm derramado o sangue de trabalhadores rurais no sul da Bahia e outras regiões, têm sido insistentemente levados ao conhecimento do sr. governador do Estado (...). Entretanto, para estranheza de todos, o silêncio e a omissão do governo estadual é a resposta a fatos tão degradantes e criminosos que têm ceifado vidas preciosas de trabalhadores chefes de família".

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois